

T 902

RENOVAÇÃO

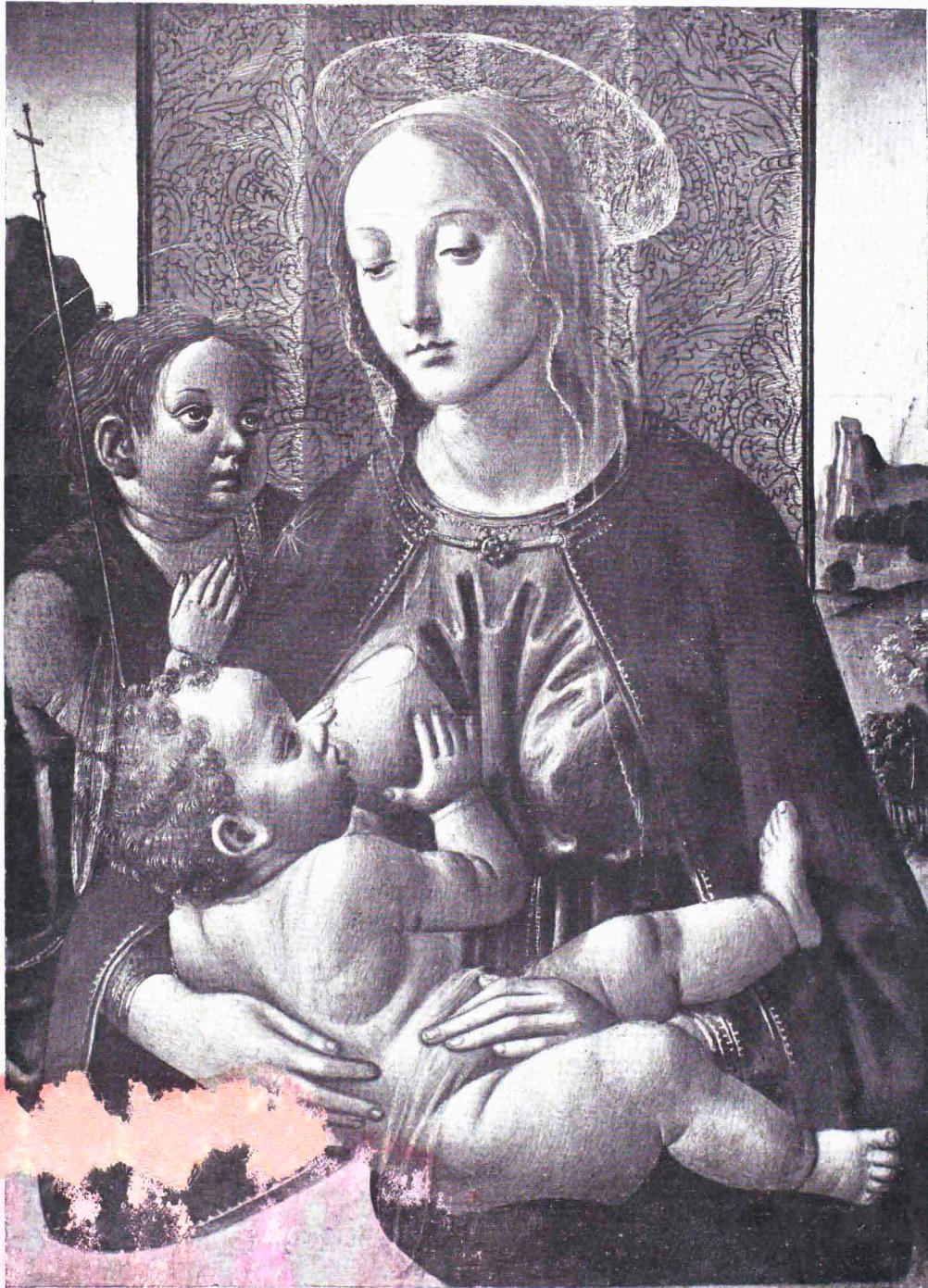
ÓRGÃO DE AÇÃO EDUCACIONAL PROLETÁRIA

DIRETORES:

EDGAR FERNANDES
VICENTE DO REGO MONTEIRO

SUMÁRIO

Renovação, Edgar Fernandes e Vicente do Rego Monteiro. — Refeição no trabalho, Luis Chaves. — Banco de ensaio, Gonçalves Fernandes. — Sindicato e Marxismo, Silvino Lyra. — Arte e poesia dos índios do Brasil, Geo Charles. — Arte pela arte e o Parnasianismo, Crésio Teixeira. — A autoridade com o senso de Cristo, Debora do R. Monteiro. — Natividade, V. M. — Azas, Azas para o Brasil, Arlindo Amorim Pontual. — Bolívar e o Americanismo, Augusto Dugue. — O Escotismo em face da Emigração, Oswaldo Guimarães. — Livros para o povo, Antonio Toscano. — Nossa Capa. — Publicações, etc.



Redação:

Rua do Bom Jesus, 207 - 2.º

RECIFE

Cosimo Rosseli (1430 - 1507) Coleção P. L. de New-York
A VIRGEM, O MENINO JESUS E S. JOÃO BATISTA

EXPEDIENTE

"RENOVAÇÃO"

Orgão de Ação Educacional Proletária
Direcção — Edgar Fernandes e Vicente do
Rêgo Monteiro

RUA DO BOM JESUS, 207 - 2.º andar

Número avulso	1\$000
Número atrazado	2\$000
Assinatura para 24 números :	
Na capital	30\$000
No interior	35\$000

As assinaturas são pagas adiantadamente
Os originais literários enviados á

"RENOVAÇÃO"

**Não serão devolvidos, ainda que não
sejam publicados**

AS GAZOSAS

FRATELLI VITA

GUARANA'
ÁQUA TÓNICA
LIMÃO - MAÇÃ

SÃO INSUPERAVEIS

A AMBição E O IDEAL DO POVO É O DINHEIRO
PORQUE NÃO PROCURAM

A CONFIANÇA
de Mendes & Maia

LARGO DA PAZ, 402 — Fone 6111

E' a única que pode proporcionar-lhes a sorte

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO

Cimento — Ferro — Louça Sanitaria nacional
e estrangeira — Mosaicos — Azulejos

CARVÃO CARDIFF E COKE

Produtos da The ARMCO International Corpora-
tion : Tanques para óleo e álcool, silos, bueiros,
chapas para todos os fins, aços inoxidáveis, tu-
bos, arames, folhas de flandres, produtos
"CELOTEX", SOLDA "LINCOLN" etc.

Carvalho & Cia.

Fone 6130 Rua da Detenção, 61

RECIFE

Banco Comércio e Indústria de Pernambuco

AVENIDA RIO BRANCO N.º 155

End. Tel. "CASAFORTE" Caixa Postal 444
RECIFE — PERNAMBUCO

Capital subscrito	1.500:000\$000
Capital realizado	1.500:000\$000

Faz todas as operações do ramo bancário e aceita
depósitos em Contas Correntes e a Prazo Fixo

Serviço de Administração de Prédios, Guarda de
Títulos e Valores. Cobrança de Letras e Coupons
de Apólice

Correspondentes em todas as praças do País
e Exterior

Gerente : Jayme Ferreira dos Santos.

CASA BORGES

FABRICA DE PLACAS

End. Tel.: RIBOR

FONE 6868

Oliveira Borges & Cia.

Placas e artigo esmaltados, gravados em metal, es-
tampados, vasados para marcas etc.

RUA DA CONCORDIA, 800 — RECIFE



RENOVACAO

Revestiram-se da mais profunda significação patriótica as festas comemorativas do Cincocentenario da Republica, realizadas em todo País sob a orientação do Governo Nacional.

As solenidades civicas levadas a efeito nos dias consagrados á exaltação dos fatos de maior relevo da história, repercutiram na conciênciia do pôvo, convocando a todos os brasileiros para um mesmo preito de justa homenagem á memória daqueles que idealizaram a Republica como forma de Governo capaz de assegurar a continuidade da Pátria, integrada nos principios que informam a nacionalidade.

E nesses grandes momentos de patriotismo e de fé, sente-se crescer na alma da gente brasileira a confiança nos próprios destinos, permitindo-nos fixar o scenário magestoso do Brasil uno, indivisivel e forte que o Estado Novo está realizando, cada vez maior, dentro da grandeza do continente.

REFEIÇÃO NO TRABALHO

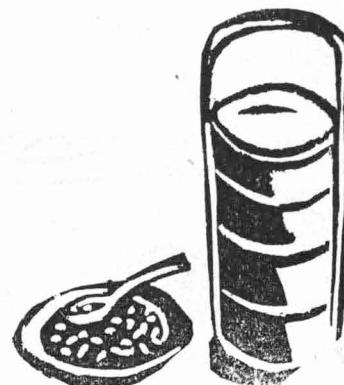
Dr. Luís Chaves

O hábito, a quasi tradição da feijoada com cachaça, do xarque com pirão de farinha, enfim, dessa monotonia de alimentos que dezenas de gerações transmitiram ao nosso trabalhador, fizeram-no standardizar sua refeição no trabalho. Ele chama-a de "bode". E é sempre a mesma: ou feijão com farinha e xarque, ou bacalhau com pirão de farinha. Outros fatores também influem para esta alimentação unilateral: a falta de conhecimentos dietéticos; a ausência quasi completa do hábito de economizar; a vida sem método, frouxa, de improviso, que o brasileiro do Norte ama.

Quando não traz de casa o "bode" (marmita contendo alimentos), faz refeição num hotel de terceira classe.

Geralmente uma "sopa a brasileira" (caldo de feijão com macarrão ou arroz, e, ossos contendo pedaços de músculos) e metade de um pão. Custa-lhe esta refeição 400 réis. O "chá de burro" (milho cosido em leite de côco assucarado), é outro prato predileto que "engana a barriga" e custa 200 réis. Quando o dinheiro sobra, ele toma uma "mistura" (café com pão ou bolachas). Muitos, contentam-se apenas com 2 "bate-entope" (bolachões pesando cerca de 50 gramas e que a impaciência dos padeiros, não deixou tivessem uma fermentação completa), e um copo duplo de refresco ou caldo de cana. As papas, filets com batatas e verduras, macarronadas, etc., são pratos reservados a uma elite, quasi a uma classe à parte. Aos que não tomam "bicadas", aos "cheios de luxo", como dizem eles. E são tão poucos os "cheios de luxo"... Nossa operário habituou-se a beber, por um restício de puerilidade... Como o menino que fuma para mostrar que "é homem" ele bebe e vicia-se para não "fazer feio".

Como acabamos de ver, a refeição do operário no trabalho, é pobre, unilateral, quando não anti-higiênica e exaustiva para os órgãos da nutrição. Trabalha assim, fazendo malabarismo com o metabolismo.



Alimentos sadios, como: batata, macarrão, arroz, leite, legumes, frutas, doces, etc., são tidos como "comida de rico" e não entram na casa do operário, sinão em dias de festas. No entanto, custam tanto quanto o feijão, o xarque e a farinha, que, são também bons alimentos, porém não para serem usados como vício, a vida toda, todos os dias...

O problema da alimentação dos operários, não é sólamente econômico, é mais, um problema técnico. Não se resolve com economistas, e sim com dietólogos.

Ensinar a selecionar os alimentos, a utilizá-los com o mínimo do gasto, eis sua incognita.

Exemplo de algumas rações que podem ser trocadas pelo "bode":

CALORIAS — 1.240	250 gramas de batatas. 150 gramas de carne. ½ pão. 30 gramas de manteiga. 2 bananas.
PREÇO — 900 réis	

CALORIAS — 1.050	200 gramas de macarrão. 100 gramas de queijo. 1 ovo. Abacaxi ou laranja.
PREÇO — 1000 réis	

CALORIAS — 1.170	250 gramas de gerimú. 150 gramas de carne. 30 gramas de manteiga. ½ pão. Frutas.
PREÇO — 1000 réis	

CALORIAS — 1.100	250 gramas de leite. 50 gramas de queijo. 100 gramas de doce. 1 pão.
PREÇO — 1000 réis	

Banco

de Ensaio

GONÇALVES FERNANDES



XIGE-SE dum fabricante de veículos a motor — seja um automóvel, um ônibus, um bonde ou uma locomotiva, que todo o seu material passe por um banco de ensaio, onde todas as peças isoladas e o todo em conjunto passem por uma revisão que assegure ao seu comprador condições ótimas de rendimento e trabalho, deante o veículo novo. Só não se exige é que os homens a quem os veículos vão ser entregues sejam submetidos a uma revisão semelhante: órgão por órgão e o conjunto em função. Todos os empregadores satisfazem-se em os entregar a quem possúa uma caderneta profissional obtida em exame sumaríssimo e, na sua maioria, liricamente teórico ou em condições ordinárias. Quando muito fazem questão dum exame periódico da visão. E acham que com isto avançaram em previdência.

Uma análise psico-mecânica do homem não mereceu ainda entre nós maior interesse. (E falando a este respeito devemos salientar uma exceção honrosíssima: o sr. Agamenon Magalhães, quando ministro do Trabalho, cogitou da organização dum instituto nacional de seleção e orientação profissionais. Deixando aquela pasta, a idéia permanecendo animada do seu interesse, foi estudada por uma equipe de técnicos convocada naquele departamento e da qual tivemos a honra de fazer parte. O projeto foi largamente estudado e debatido. De há muito que está definitivamente elaborado. Só o instituto não teve mais o sopro vital que lhe faltou: ao seu animador foram entregues outras tarefas).

As companhias francesas de transportes e de caminhos de ferro não hesitaram em aceitar a orientação dos institutos de psicotécnica quando estes problemas foram aventados em França. Os futuros agulheiros, maquinistas, motoristas e condutores, todos os candidatos a essas profissões foram entregues a laboratórios de psicotécnica objetiva. É a S. T. C. R. P., de França,

quem dá a última palavra a este respeito quando afirma que esta reforma "paga-se a si mesma". Num só ano aquela empresa economisou **um milhão de francos** em relação a igual período anterior, evitando que indivíduos portadores de incapacidade profissional latente ocupassem os postos de direção dos seus veículos! A curva de acidentes, de indenizações e de desgaste de material baixou como tocada por um milagre. E saindo do campo frio das estatísticas sobressai-se o inestimável que se pôde representar pelas vidas humanas que deixaram de ser imoladas à incompetência profissional.

Examina-se pura e simplesmente a visão dum motociclista... entre nós. Na França, atualmente, para se obter a permissão de conduzir, passa o candidato por um rigoríssimo exame que compreende, além da rigorosa observação médica, provas do registo de força muscular e fatigabilidade, provas de independência das mãos, de resistência ao automatismo, de determinação do tipo de atenção, reação psico-motora, entre outras. Os candidatos a maquinistas de estradas de ferro são submetidos a iguais métodos de seleção; uma das provas eliminatórias mais interessantes faz-se deante um longo túnel escuro: comanda o examinando em cada mão uma alavanca e seus pés se apoiam em pedais — ao fundo do túnel aparecem cintilações ultra-rápidas de pontos luminosos verdes, brancos e vermelhos entre pontos luminosos fixos. A cada aparição de luz diferente alavancas e pedais devem ser acionados para uma posição determinada e em um tempo ótimo (o emotivo fracassará nesta prova, como o "distraído"). Apenas este desastre experimental eliminará um fracasso futuro maior que comprometeria também vidas alheias...). Sob a impressão de luzes cambiantes deverá ele distinguir ruidos diversos, típicos, reagindo prontamente às necessidades do seu veículo. Além de tudo isto, testes tactéis ainda são usados para que evidenciem igualmente perfeita integridade de mais um sentido. Assim, numa série racional, o homem passa por um verdadeiro banco de ensaio que lhe determina suas aptidões, e despista suas falhas, rendendo serviços inapreciáveis às organizações sociais.

Sindicalismo e Marxismo

Silvino Lyra

UM grande nome na história pátria, teve ocasião de afirmar que os séculos se interpenetram. E tanto é assim, que vive-se, intumeras vezes, em horas presentes, momentos passados que exercem profunda influencia em pensamentos atuais quando um espírito muito diferente devia exercer a predominância.

O século XIX, instante em que a cultura humana na sua grande extensão marcou o momento da análise, vive ainda em pleno século XX, na época em que a síntese se delineia em precisas perspectivas.

E quando a evidência dos fatos traduz a diferenciação na unidade, partes se isolam, fragmentando o todo.

Entretanto, essa fase, evidenciável na hora presente, é apenas o traço mercante da transição a um novo cenário de vida.

E' uma noite que morre aos primeiros raios do sol de um dia novo.

◎

Interrompida a marcha do pensamento pela letargia em que mergulhára o espírito mercê de sua profunda abstração, consequência da sugestão que lhe causára a majestade de suas criações, ela recomeça com todo o seu dinamismo permanente em busca da perfeição absoluta, que lhe assegura mobilidade perene e constante evolução.

Nessa continuação de jornada, se recompõem os cenários e reaparecem fulgurantes, as idéias até então envolvidas pela escuridão da noite.

Forças dispersas confraternisam, energias em potencial se movimentam e as idéias se sucedem, e como energias e forças que se renovam, provocam a permanência dos acontecimentos, evitando a estagnação das idéias que se materializaram.

Evoluem, e a sua adaptação aos momentos históricos nas suas diversas circunstâncias, reflete a permanência do fenômeno das "revoluções". (1)

Confirmado esse pensamento, hoje os fatos pretéritos se renovam, atendendo aos anseios angustiados d'uma época, cheia de rumores os mais desencontrados.

O predomínio do pensamento ARISTOTELICO-TOMISTA resuscita o CORPORATIVISMO como uma imposição lógica e irremovível do séc. do rádio, do zeppelin e da televisão.

Século que, após o domínio do homem no mundo das ciências físicas e naturais, mostrou-lhe o equilíbrio constatável na "harmonia dos contrários".

E "quando a química e a astronomia se confundem através da unidade infinita dos átomos," da misteriosa gravitação dos íonios toma forma a diferenciação da unidade, projetando a "velha verdade de ARISTOTELES" como o facho de luz a orientar o mundo combatido e inquieto.

A mentalidade humana, outrora confusa pela extensão periférica dos seus conhecimentos, enraiza-se na verdade, busca a profundesa, procura orientar-se num sentido verticalista, tendendo a transformar-se desde a substância.

◎

A experimentação e o critério científicos, deslocaram o homem, porém o contacto com a realidade e a análise dos acontecimentos que lhe perturbaram o seu ritmo orgânico, traçou-lhe um sentido novo ao seu caminho.

◎

Traçadas de leve as fases diversas da vida social de um século para cá, não será extemporaneo fixar em alguns traços, a origem e a evolução do sindicalismo corporativista.

Buscar suas origens mais remotas e separar o "joio do trigo" na confusão de idéias que grassa ainda nos espíritos, é o fim deste ensaio.

O SINDICALISMO, conjunto de funções, forças e finalidades tomou corpo na história, e por força de ser estrutura doutrinária, orientação e meio de chegar-se a uma forma de equilíbrio social, subordina-se à Etica.

E não se diga da existência de um Sindicalismo fechado às influencias exteriores, ou de doutrinas outras que tentaram orientar o espírito humano. Tem razão pois, Sergio Panunzio, em afirmar que não existe um Sindicalismo puro.

Esse conjunto doutrinário, de teleologismos os mais diversos, surgindo como uma necessidade de ambientar e defender o operário à associação, no inicio com intentos de realizar a produção, geri-la, superintendê-la enfim, eivou-se do espírito de Proudhom a Pelloutier e Sorel.

Porém, como idéa e por consequencia força em potencial, realizou o movimento e consentiu se inoculasse em sua essência, as inovações impostas por outros pensamentos, fenômeno constante, quando possuidores de corpo de doutrina superior.

Originário da máquina, da super-produção e do desemprego, o Sindicalismo nos seus primórdios, foi o próprio grito de angustia do proletariado, quando o mundo analítico do décimo nono século, tornou imprecisa a instável a situação do homem, diante da liberdade conquistada e que o escravizára, pela sua pequenez e impossibilidade de caminhar sozinho.

Não se pode dizer seja o Sindicalismo ou o Sindicato, filhos de história oriental, grega ou romana. E fato, entretanto, ter com a associação medievalista algum parentesco, porém sem grande afinidade.

O mais positivo, é buscar-se a sua filiação no ambiente formado com a entrada triunfal da máquina na vida do homem, que originou o industrialismo, estabelecendo a associação psicológica e voluntária consequencia lógica da integração do operário na grande massa obreira.

Resalta esse acontecimento a identidade do Sindicalismo com a cidade e a sua grande distância do campo, onde apenas o tem projetado o espírito imitacionista.

Como uma resultante da associação voluntária, é que se projeta o Sindicato como forma social, "mecanismo técnico", um fenômeno sociológico como sociedade profissional ou grupo econômico, simples expressão quantitativa e não qualitativa.

O Sindicato é assim fato concreto, idéa transformada em fato, e constitue mais uma finalidade do que um meio.

São precisamente esses aspectos, que provocam a diferenciação notável entre o Sindicalismo e o Sindicato.

O primeiro é o caminho, a orientação, a substância, enquanto o segundo é a forma, o fato, a idéia materializada, um fim imediato e um meio também.

"E' do Sindicalismo que se chega ao Sindicato e não-deste áquele."

O Sindicato, por conseguinte, quanto à sua formação e movimentação, sofre a natural influencia do espírito que se lhe foi impregnado, bem como do caminho palmilhado à sua efetivação como "movimento abstrato e puramente lógico".

O Sindicalismo é movimento real e idéa, e como movimento, evolue.

O Sindicato, ao contrario. E fato, tende a parar, estagnando-se, se doutrina superior não lhe supere, ocasionalmente movimento real.

O movimento sindical é portanto paradoxal, pois, como-fico dito, supõe reunião de massa exclusivamente. Para fugir ao movimento abstrato, é mister lhe seja inoculado o dinamismo real de um pensamento, capaz de suplantar a força que lhe gerará.

◎

Surgindo o Sindicalismo nos primeiros décimos do século passado, foi como movimento real, naturalmente tendencioso e quando reconhecida a superioridade das doutrinas.

(Continua na pagina 22)



TANGA EM TERRA - COTA

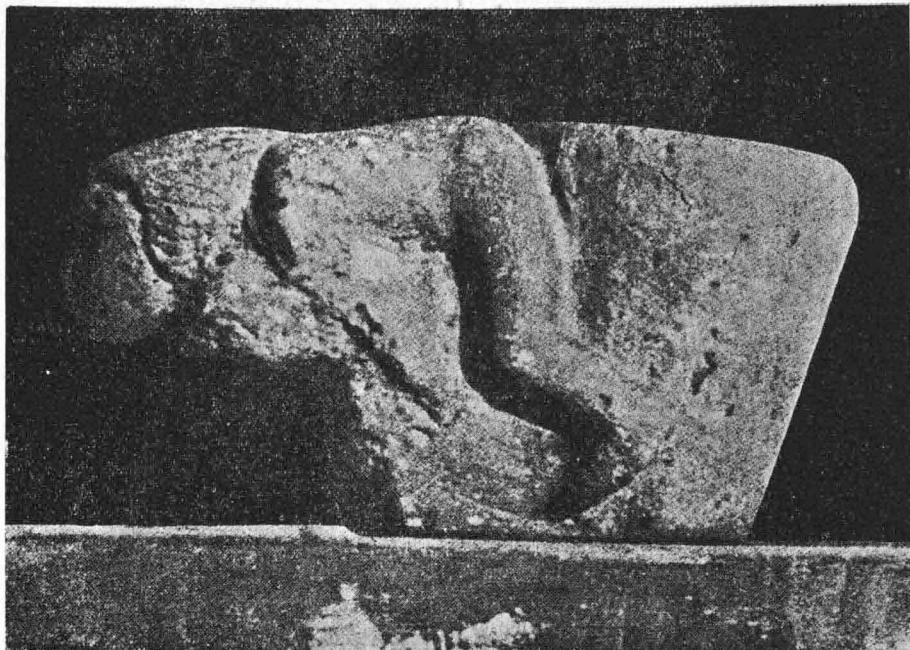
MARAJO'

ARTE E POESIA DOS INDIOS DO BRASIL

GEO-CHARLES

AARTE e a poesia dos antigos habitantes do Brasil não obtiveram, na Europa, o renome dos cículos indigenas do Mexico e do Perú, nem a do círculo africano. Entretanto a singular beleza da tradição amazonica, a importante bibliografia que lhe foi consagrada do XVI século aos nossos dias, as coleções expostas em alguns Museus (em particular nos de Rio de Janeiro e de Goteborg na Suécia) tornam surpreendente essa carência. Com efeito é, até hoje, no domínio especial das ciências que a bacia amazonica forneceu a matéria de uma literatura que se revela extremamente interessante nos limites próprios mas deficientes, naturalmente, desde que aborda a arte e a poesia (1). Os indigenas do Brasil não nos legaram vestígios arquitetônicos — cidades e templos que pasmaram a Cortez no Mexico, pirâmides, palácios, terraços, estradas — semelhantes aos edifícios dos Tolteques e dos Incas. Em compensação nos deixaram, sob uma forma antiga ou mais recente, uma arte escultural (pedra, madeira, argila), uma arte religiosa e funerária da cerâ-

mica; da máscara e do costume, uma organização decorativa e os adornos os mais ricos que existem na arte do cesto, na arte da plumagem, e toda uma fabricação de objetos usuais e guerreiros, belos dessa perfeição submissa às leis do princípio da utilidade que defende, de um modo tão convincente, Blaise Cendras, em um capítulo de seu livro: "Aujourd'hui". Classifico essa arte entre as maravilhas plásticas mais puras que meus olhos depararam. A poesia desses indigenas é pouco conhecida, porém não é menos bela. A tradição local, mesmo a dos mestiços e do folclore geral, conservou assim como as relações, desde os primeiros dias da descoberta, dos exploradores, dos religiosos e de numerosos escritores brasileiros e estrangeiros. Esses círculos religiosos, mitológicos e siderais, esses contos de origens e essas fábulas, essas espécies de pantomimas ou dansas e recitativos são paramentados de uma poesia infantil, natural, cruel, aterrorizada, cáustica ou simplesmente feliz, como a vida... Ali domina o deus Tupam, ali circula o ouro efervescente de Guaraci, o sol



ESCOLTRA - ARTE AMAZONICA (Foto Monteiro)

animador dos viventes, os reflexos da dôce Jaci, a lua, mãe dos vegetais e Rudá, o fecundador, o Amôr. Gêniros, espécies de divindades silvestres, marinhas e fluviáis, e um fantasma temível, o Irupari, são pretextos a um aglomerado de contos. Não conheço nenhum mais lindo do que os da Iara, a ondina, tão insinuante, cruel e formosa como a Lorelei de Haine e de Apollinaire, ou os da Maiandena, a cidade encantada, e a criação da noite. As fábulas onde a tartaruga, a onça, o macaco, são os principais personagens, cheios de humor e de sabedoria prática. Em várias narrativas encontramos vestígios do dilúvio.

Julguei útil estabelecer êstes esclarecimentos, que completarei mais adiante por uns rápidos quadros da paisagem brasileira. Eles esclarecerão nossas descrições sobre a arte dos índios.

É no norte do Brasil, na ilha de Marajó, que foram descobertas, depois de 1870, no seio de alguns montículos, as mais lindas cerâmicas.

A primitiva população da grande ilha de Marajó, situada na foz do Amazonas, não muito longe das Goianas, pertencia, provavelmente, à raça Aruak e suas tribus viveram na Amazonia e nas Antilhas. Esses índios possuíram uma arte muito superior no lineamento, por exemplo, à dos Incas e dos Aztecas.

Evoco em particular suas urnas funerárias de forma humana. Elas se apresentam às vezes com a arte egípcia ou grega-arcaica. Seu contorno agudo ou pan-

sudo é sempre harmonioso. Os corpos sugerem formas de crianças enfaixadas; outras urnas têm por ornatos braços e pés estilizados. As máscaras aparecem quasi à egípcios ou à corujas. Impressionista, o nariz, sobrancelhas, olhos, a boca, os seios fundem-se na massa às vezes, ao contrário, acusam nitidamente suas arestas. Na mór parte, esses vasos formam um conjunto, metade animal, metade homem. Essas urnas-esculturais, de flancos sempre decorados e pintados, são admiráveis. Os outros vasos, pintados igualmente em branco, vermelho preto e em ocre, apresentam, geralmente, uma forma pansuda, gravado em decorações as mais diversas. Os índios se inspiravam sempre no mundo animal que vivia também na sua mitologia e nas suas fábulas, bem assim no rosto humano, estilizados. Na decoração, os reptis, os saurios forneceram as cadeias de losangos e de cressentes. Os pássaros, os vôos rápidos esquematizados nos perfis dos vasos. Os vegetais e os minerais fôram também aproveitados.

Entre as mais curiosas ornamentações, evoco as frizas d'olhos, de nariz, de bôca, de combinações em escalão, guirlandas girando em torno dos vasos, pássaros, marrecos, serpentes... ou decorações dos índios modernos, vermelhas e brancas, traços das vagas nas quais Raoul Dufy parece ter-se inspirado. Descobriram também, na ilha Marajó, as mais lindas tangas gravadas em terra cota, que usavam as Índias em certas festas. Si os habitantes da ilha Marajó se impuseram como os mestres incontestáveis na arte das urnas e da decoração, outros índios os igualaram e às vezes os ultrapassaram noutros domínios.



IDOLO EM TERRA-COTA

[Foto Monteiro]

Citarei duas maravilhas do gôsto indígena: a arte das cestas e a da plumagem. A arte da cesta que foi, certamente, a primeira indústria, deu origem a combinações infinitas de beleza, de variedade e de utilizações. Quanto aos adornos de penas, os Mundurucus, por exemplo, atingiram a uma perfeição que ultrapassa os motivos das azas nas quais se inspiravam e as nossas "plásticas" européias as mais fulgurantes. Quanta beleza irradiada dessas estrelas, desses manteletes, dessas toucas, desses graciosos diademas das festas da puberdade, dos colares, das pulseiras de plumagens multicôres para as quais contribuiram o íbis, o tucano, o arara, o beija-flôr. Algumas peninhas são ajuntadas como ramaletes de violetas. Ora esses Mundurucus formavam uma população particularmente corajosa e guerreira. Era ela que criava com a maior habilidade esses belos e macabros troféus de guerra: os crâneos-trombetas, as cabeças dos inimigos reduzidas e mumificadas, floridas, adornadas às vezes, como as cabeças dos vivos...

Desde a segunda metade do XVI.^o século, Montaigne consagrou aos Índios do Brasil um notável capítulo dos seus "Essais" (cfr. Capítulo XXXI: "Des Canibales", livro 1.^o).

Além da relação muito aprofundada sobre os usos e costumes e da "poesia" dessas tribus, Montaigne de-

monstra uma compreensão muito aguda de seu "espírito" e mofa daqueles que chamam de barbaria tudo que foge aos seus costumes. Estudando os seus métodos de combates, Montaigne diz muito acertadamente que os Índios se revelavam mais nobres do que os europeus e conclue: "Sua guerra é nobre e magnânima, e tem tanta excusa e beleza quanto a essa doença humana se possa atribuir".

De quem Montaigne obteve esses detalhes? De um desses homens "que tinham passado uns dez a doze anos nêst'outro mundo que foi descoberto, em nosso século, no lugar em que Vilegaignon tomou posse da terra, que denominou "França Antartica?"

Todavia, temos melhor. Montaigne, aproveitando da chegada de três Índios que "foram à Rouen no tempo em que o falecido Carlos Nono era rei", fez "intervio" simplesmente com um chefe entre eles. Tenho precisamente sob os olhos uma gravura reproduzindo várias atitudes dos Índios e extraída do livro: "Uma festa brasileira celebrada em Rouen em 1550".

As dansas tinham papel preponderante nas cerimônias indígenas. Quasi sempre os dansarinos usavam as máscaras que, no Brasil, fôram as mais originais que tênhoo contemplado. Algumas são fucinhos malhados e cornudos, coloridas; outras representam cabeças de



IDOLO EM TERRA-COTA PINTADA

onças, cabeças humanas e típicas. Elas se completam — as dos páges, por exemplo — por uma vestimenta de peles, de couro ou fibras, lindamente desenhadas com motivos coloridos.

Estas cerimônias eram seguidas de recitações acompanhadas por uma música monótona, ou pela mímica; representavam a história tradicional das tribus que na maior parte eram religiosas. Uma das mais curiosas reproduzia os gritos, gestos e atitudes dos bichos como a sucuriú (cobra dágua), do tamandaré, do tamanduá e do tatú. E a cerimônia da puberdade tão importante e de lindos ornamentos?!

Além dos ídolos femininos e masculinos ou bissexuais, dignas de relevo são as curiosas bonecas, bonecas-fetiches, espécies de **phalus** trazendo todos os atributos da procriação da vida e as esculturas em pedra, sempre rituais, representando homens, pássaros, peixes, de uma arte notável.

A natureza sulamericana, cheia ainda da lembrança de seus filhos libertos, ali onde eles desapareceram (nomes de localidades, paisagens, animais, mestiços de rosto moreno e levemente mongoloide), explica e corrabora pelo seu brilho e seu mistério esta arte e esta poesia que nos esforçamos em fazer sentir nestas páginas. Pobres índios martirizados na escravidão contra a qual sempre reagiram, de tal forma que foi preciso importar os negros d'Africa. Sobre estes índios martirizados e mortos pela exploração europeia dos vãos Eldorados, Montaigne tinha bem profetizado quando escrevia: **dêsse comércio nacerá sua ruina..**

Meditava sobre tudo isso, melancolicamente, numa excursão ao Norte, onde reconstituía a descoberta do Brasil e seus primeiros estabelecimentos europeus, perito do cabo de S. Agostinho, descoberto pelo Espanhol Pinson, a 24 de abril de 1500.

Por uma estrada de barro rachado apenas traçada, dirigiamo-nos para o Cabo, entre uma vegetação enca-



MASCARAS DOS ÍNDIOS TICUNA

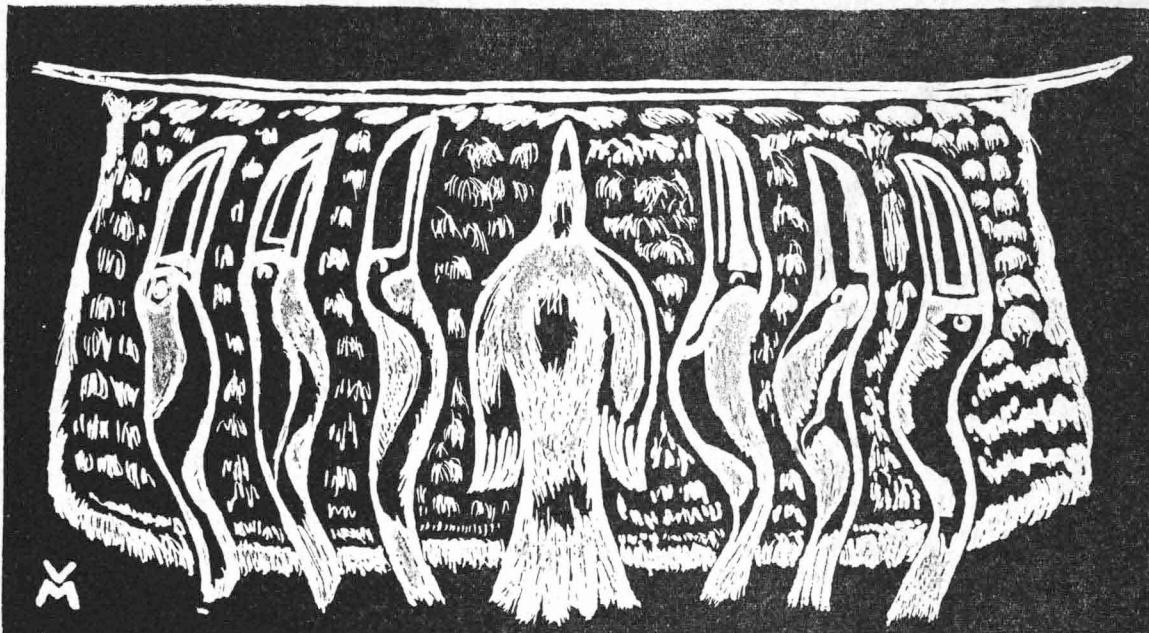
rapinhada, de onde surgia, de quando em vez, velhas e enormes árvores, largas como casas. Ao longe o Ipojuca, sobre o qual na vespere eu tinha acompanhado uns amigos, numa caçada de capivaras que infestam aquelas paragens, ostentava seus meandros. Atingimos o Cabo descendo ao longo de um desfiladeiro vermelho e arroxeadão. Árvores secas erguiam-se. Urubús negros planavam. O pássaro-palmeira elevava-se nos ares. Por detraz de latadas de galhos secos como ossadas, as flores em terra cota continham, às vezes, joias vivas: os beija-flores.

Em frente, estendia-se o oceano azul, sem limites. O rochedo antigo descoberto por Pinson lânguecia ali. Sómente um farol moderno e branco erguia-se no morro. A mandioca de pé sobre o seu pedestal de terra,

a bananeira fendida em ouro desbotava na luz e os mandacarús de flancos tecidos arrepiavam-se de espinhos e se contorciam, cobra chata.

Num passeio à Igarassú (do dialeto índio Igara, barca e assú, grande), primeira cidade fundada em 1535, que os índios batisaram assim desde o dia em que viram navegar sobre o rio as embarcações portuguesas, de vez em quando ao longo da praia, um nativo corria, curvando-se sob o peso de um ramalhete de peixes coloridos de vermelho ao amarelo canário...

As noites das solidões brasileiras são mais lindas e explicadoras do que o dia. À noite, os vagalumes invadem o espaço. Os arraiais transformam-se em campos de estrelas líquidas. Passamanes diamantinos se entrelaçam a toda velocidade, e se escapam ao encon-



SAIÓTE DOS ÍNDIOS TICUNA

tro das luzes fátuas e dos clarões ardentes. O incansável canto das cigarras, as flautas dos sapos e o canto do sapo-boi, como um latir de cão, erguem-se... A lua enorme parece ao europeu um astro novo, que se adorna de largos cabeções laranjados e azulados de nuvens, e depois com um maravilhoso e redondo arco-íris!

A doçura é vêr, ao amanhecer, os ocreos argentiferos espargirem-se sobre o rancho amigo, e as borboléas grandes como pássaros, viajar no sertão onde habitam a cascavel, a raposa vermelha, a onça, e os jacarés, ouvir mil gritos de animais, encantadores e ridiculos, beber água de côco, enquanto um pássaro vermelho belisca vidrilhos amarelados de uma árvore e seus parasitas enrolados, como cordas. O sol dos índios revive na palma resplandecente.

Foi nessa atmosfera que nasceram as figurações da arte e da poesia indigenas. Os motivos decorativos colhidos dos vegetais e dos animais, eu os encontro na lenda onde o deus Tupan recola o jaboti que o malvado

urubú deixa cair do céu, o que explica a origem de seu casco mosaicado; o mistério e as metamorfoses eu as encontro nessa outra lenda: A criação da noite que dormia no fundo das águas e na história do pássaro Maguari, que queria matar o sono.

É com saudades que termino essas linhas, porque apezar dos longos meses de estada e de estudos não me cansei quanto à interpretação de uma arte e de uma poesia cujos motivos são derivados dos arcanos de uma maravilhosa Natureza.

Geo Charles

(1) — Raras são as obras recentes que as respeitaram. Podemos citar entre elas as "Légendes, croyances et Talismans des Indiens de l'Amazone", ilustradas por Vicente do Rego Monteiro. "Les Mythes et légendes", transcritas de um modo um tanto neutro por Gustavo Barroso e, no domínio científico, "L'Archéologie du bassin de l'Amazone" pelo professor Nordenskiol.

Publicações

NEUROBIOLOGIA

Está em circulação mais um número de NEUROBIOLOGIA, a excelente revista que a Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste edita para todo o país. Ocupando uma posição singular entre as publicações científicas brasileiras, NEUROBIOLOGIA apresenta no seu número 3.º do II tomo o seguinte sumário: Silvio Rabelo — A ORIGINALIDADE DA PSICOLO-

GIA; Nelson Pires — OS MECANISMOS DE DEFESA NA NEUROSE OBSESSİONAL; Alvaro Ferraz — A IDADE NA FORMAÇÃO DOS CONTINGENTES MILITARES; Gonçalves Fernandes — AS RELIGIÕES NO BRASIL; Antônio Couceiro — UM PROCESSO NOVO PARA APLICAÇÃO DO MÉTODO DO SUBLIMADO OURO EM TECIDO NERVOSO FIXADO EM FORMOL; Alcides Benício — SÔBRE O PREPARO DO OURO COLOIDAL EM PARTICULAR PELOS MÉTODOS DE BOROWSKAYA e PANCANTI; RESENHAS E ANA-SES; e NOTICIÁRIO.

A Arte pela Arte e o Parnasianismo

Por CRÉSO TEIXEIRA

ATEORIA da arte pela arte trouxe em si, no domínio da poesia, um convite a voltar aos clássicos. Foi a idéa que partiu de Teófilo Gautier. Os românticos tinham caído no exagero de sentimentalismo. O subjetivismo nada mais tinha a dar. Era preciso uma nova orientação. E essa reação, na poesia, foi desfechada pela pléiade que, em Paris, colaborava no "Parnasse Contemporain".

A forma, a impersonalidade, a impassibilidade é que interessam agora. O subjetivismo tende a ser substituído pelo objetivismo. E desse modo a primeira pessoa quasi não se emprega mais.

Todavia, não são as escolas que traçam, como muitos presumem, as diretrizes e os limites da criação artística. "Tudo o que se pode formular em preceito, diz Ramalho Ortigão, cessa de ter valor em arte" (1). Esta é, na expressão de Lícinio Cardoso, o "resultado da apreensão sentimental ou emocional da verdade" (2).

Com efeito, a tendência de todos nós é para crer no objetivismo da realidade. Não atentamos em que as coisas serão para nós o que elas conhecemos. Ademais, podemos garantir que o mundo objetivo é, de fato, este que se nos apresenta? É certo que fora de nós reside pelo menos a origem, a causa das nossas impressões conscientes. Mas nem mesmo essa causa conhecemos bem. Tal como é, pensa Abél Rey, a percepção exterior será forçosamente relativa, e de um certo modo subjetiva... E mais adiante: "A maneira pela qual nos apresentamos os objetos exteriores pode estar ainda muito longe da verdadeira natureza desses objetos" (3). Daí, talvez, Comte definir a arte como a idealização do real".

Parte do que percebemos está, pois, em nós mesmos. O próprio Zola dizia ser a obra de arte uma faceta da natureza percebida através de um "temperamento". Kant chegou mesmo a afirmar que a nossa verdade não é verdade.

De fato não é possível conhecer uma crítica, um juízo sobre o mundo extropectivo, real, sem que essa apreciação seja impressionista, introspectiva, portanto. Renan, Anatole, Lemaitre, devem estar com a razão. "On juge bon ce qu'on aime", como asseverava este último.

De certo, não resistirá a uma análise mais detida, a critica científica pregada por Brunetière. E' até um pouco irrisório falar de criticar um livro como quem dissecava um cadáver. Pois a crítica não pode sair de nós mesmos um instante. Está em nós, como, em parte, a obra. E até porque, como pondera Delgado de Carvalho, a regra suprema da arte, regra moral e social, é a sinceridade, o formalismo tornando-a artificial (4).

Tudo, pois, depõe contra o excesso dos parnasianistas que tentaram aproximar a poesia das artes plásticas. O poeta não deve ser apenas um sinzelador do verso, adstrito servilmente a um conjunto de regras. Sem liberdade de ação, não pode haver arte. Os parnasianistas, que sacrificavam as idéias pela forma, foram assim menos artistas que os românticos e que os simbolistas. Fugindo do idealismo em busca da realidade, foram cair no artificialismo, na frieza marmórea de versos sem alma.

O que caracteriza a arte é, sobretudo, a emoção. A inspiração por sua vez não é mais do que uma exaltação do sistema nervoso. E sinal de vida quasi não encontramos entre os parnasianistas. O alexandrino deslumbra, mas não comove. Impressiona os olhos do corpo, mas se não revela aos olhos do espírito.

Nem mesmo aproximando a poesia da pintura e da escultura, o alexandrino merece foros de arte. Subordinado às peias da escola que o ditou, falta-lhe aquela correspondência exata e necessária, de que nos fala Taine, e que se encon-

tra sempre entre uma obra e seu meio. (5) E' a arte como função do meio. A literatura como produto da sociedade.

Os teóricos da arte pela arte despiram-se, assim, das mais imperiosas obrigações para com a arte. Daí, talvez, a opinião de alguns críticos franceses reconhecer na expressão "l'art pour l'art" uma frase vasia, sem sentido. E na poesia, que é a música da alma, esta frase só teve uma consequência: tirar do verso a emoção que o inclui, segundo Hegel, entre as artes da palavra.

"Deixai-o abandonar-se, — dizia Taine, referindo-se a Michelet, — deixai-o abandonar-se à sua sensibilidade exaltada, à sua simpatia apaixonada, à sua emoção nervosa". (6) E a autoridade de Taine não merece suspeição.

Um grande poeta deve expressar o pensamento coletivo no tempo e no espaço. E quando essa manifestação própria representa a cultura do meio ambiente, estamos diante de um gênio.

Achava Tonnellé que o verdadeiro artista não vê a realidade tal qual ela é, mas tal qual ele é (7). E é essa de certo, a causa da raridade dos gênios, que representam verdadeiras sínteses de civilização. Goethe dizia que os pensamentos, os sentimentos, que vez por outra surpreendem o poeta, exigem e devem ser expressos. Não é, pois, por ser subjetivo que o poeta deixa de ser a voz de um povo ou de uma civilização. Mas por isso mesmo é que poderá a um tempo ser intérprete de si e do meio de que saiu.

"L'art — observa Leonardo Pena — est la réalisation de tout ce que nous n'osons essayer dans notre vie fugitive" (8). Pecaram assim os parnasianistas procurando no mundo uma coisa que estava em si.

Lecante de Lisle, o mais profundo dos parnasianistas, recomendava aos discípulos a escolha escrupulosa do seu vocabulário, dando à idéia, sempre, a melhor indumentária. E o resultado era sair, como da oficina, um verso metálico que retinha enquanto a emoção calava.

Mas a obstinação da plástica, do trabalho esmerado do verso, tornando-o rígido, material, a obsessão do ritmo, da impassibilidade, do *non-réalisme*, do vocabulário, da não conformidade, em suma, entre o que se sente e o que se diz, tudo isso já tinha atingido o limite de tolerância. Não podia durar por mais tempo. Passou, como passara o romantismo. E veio o simbolismo, como "un retour à la simplicité et à la découverte de la vie" (9).

Tratava-se, como dizia Gustave Lanson, de "la phrase souple, compliquée, dissonante et musicale" (10). E Varlaine, o mais fascinante dos simbolistas, para quem o verso era "la chose enveloplée", clamava aos quatro ventos: "Não me interessam as cores, só me interessam as nuances".

Foi Rimbaud o precursor desse movimento que queria substituir a palavra pelo som. E "já em 1860, escreve Grieco, o arguto Sainte-Beuve profetizara o advento de uma poesia que deixasse o leitor colaborar com o autor, fazendo-se também ele poeta por conta própria". (11)

De fato, são conhecidas aquelas correspondências que Henri Regnier pretendia haver observado entre os sons, as cores e os perfumes. A preocupação dos simbolistas era "encerrar um dogma num símbolo". Não devemos chamar as coisas pelo seu nome, proclamavam, mas por meio de um "todo de idéias". E recorriam, para isso, às idéias sugeridas pelas relações de atributos, isto é, às associações por semelhança, tão próprias do espíritos bem dotados. E por isso os simbolistas foram mais poetas: — a serviço do belo, que é a verdade na arte, recorreram com mais frequência à imaginação criadora.

Aliás, o simbolismo surgiu com a própria poesia. Não houve, pois, nenhuma inovação. Apenas, como assevera John Macy, os poetas franceses "passaram a usar consciente-

(Continua na página 27)

A Autoridade com o senso de Cristo

DEBORA DO R. MONTEIRO

Si aos trabalhadores, aos operários, aos empregados, a todos os que são "sujeitos" dão-se aqui e ali conselhos, sobretudo exemplos, que os levam à insubmissão e à revolta; muitas melhores sugestões, regras e exemplos lhes podem dar as autoridades humanas sob o domínio perfeito de Cristo Senhor. Pois é exato que a "boa" autoridade possue um tal espírito de ordem e de paz, e senso das suas responsabilidades, que dirige a irradiar esse espírito e senso, e a fazer cada um compreender o seu papel, ter a inteligência dêle, disciplinando-se as vontades, não se esquivando ninguém à sua missão e cumprindo-a concienciosamente.

Grandes, potentes em verdade são as autoridades humanas, os poderes da terra submetidos a Cristo do Senhor, ao poder de Deus: tanto a autoridade suprema das nações, como a que governa as cidades, a que rege as famílias, a que domina nas sociedades políticas e civis, a que preside numa congregação e numa comunidade religiosa.

A autoridade humana é participação da autoridade divina.

A Santíssima Trindade creou os pais da humanidade depois de, em conselho, haver dito a si mesma: "Façamos o homem à nossa imagem, para que mande e governe toda a terra". (*é-nesis I, 26*).

CONFLITO

Gabriel Maurício

Os meus olhos não choram mais
porque todas as lágrimas transbordam
dos olhos das mulheres polonesas
e das crianças órfãs da China.
Em meus ouvidos guardo o grito de terror
dos meus irmãos que se entredevoram nas trincheiras
na defesa de uma felicidade
inexistente...

No meu coração há o grande desejo
de que cessem todas as hostilidades do universo
para quando a poesia voltar ao mundo
me encontrar acariciando os cabelos
de minha amada,
agora, ausente.

E' em consequência necessário que os poderes da terra, cuja função social é tão relevante, sejam submetidos ao poder da Divindade. Para não mentir a sua origem. ("Bom sangue não mente"). E porque assim obrando fazem como Cristo que, Enviado, para no mundo reinar, — herdeiro de todo o poder e independência do Padre — sempre mostrou docilidade em seguir a sua Humanidade a direção da Divindade.

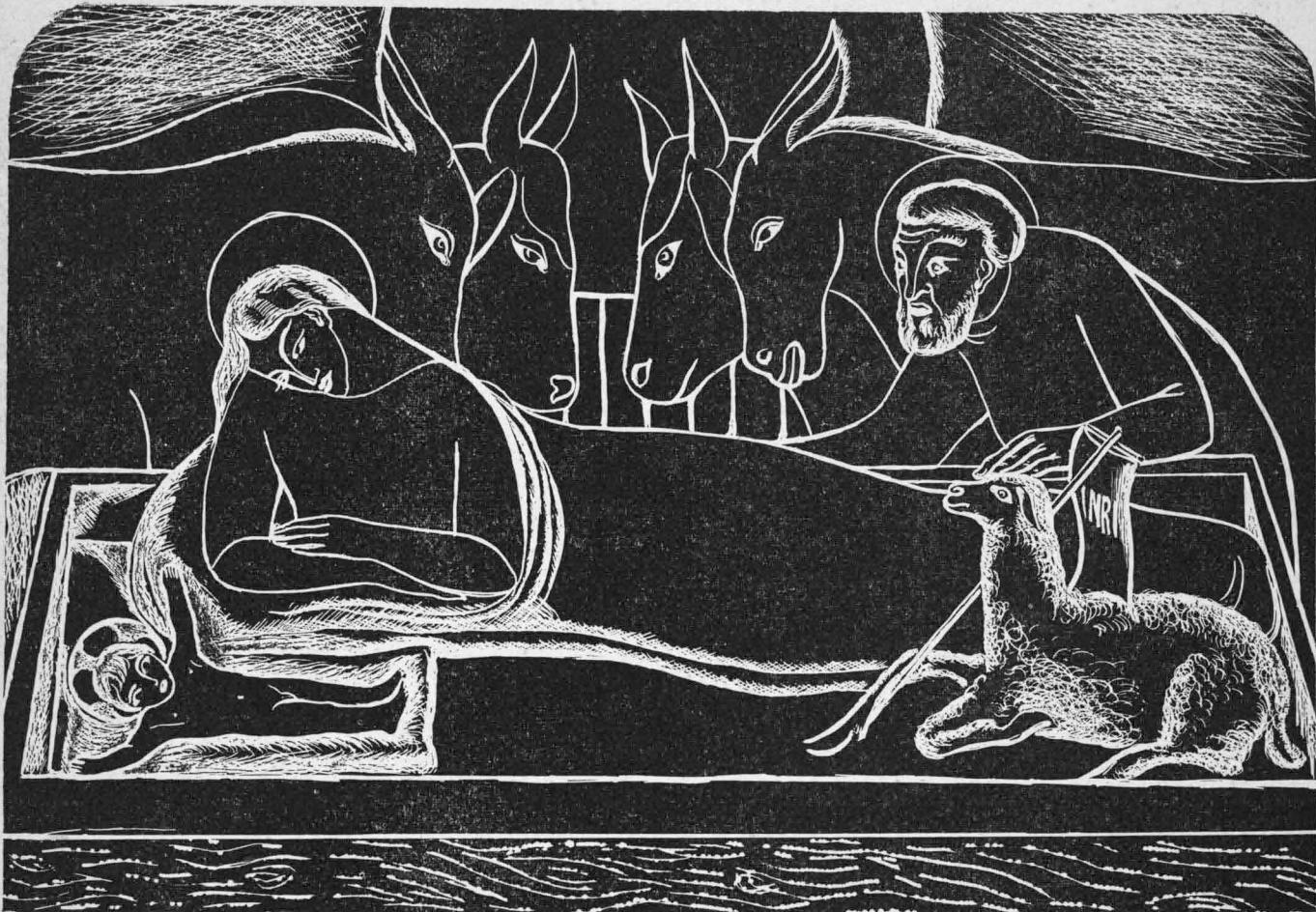
Ora isto é em verdade exercer grande e potente autoridade, concorrer para o estabelecimento do império social de Cristo: é com o senso de Cristo governar, fecundar, fazer obedecer; pelo senso de Cristo em constante efusão instaurar tudo em Cristo.

DUAS HISTÓRIAS

Carlos Monteiro

Quando eu tinha seis anos
Olhei uma vez
Bem para dentro dos olhos
Da minha mãe preta
E a minha sensibilidade de criança
Descobriu neles
Tanta tristeza silenciosa
Que me impressionou profundamente
E eu perguntei por que a mãe Maria
Nunca sorria, era sempre triste...
Então meu pai me contou
Uma história muito comprida
Do início de todas as coisas.
Que a mãe Maria era triste assim
Porque o Criador
Havia feito a sua alma
Com a tristeza que colhera
Nos olhos de um cego...

Mas si hoje uma criança me perguntar
Por que nunca viu um sorriso
Nos lábios murchos da mãe Maria,
Não mais contarei aquela história...
Direi que ela também já foi alegre
Como os passarinhos
Que voam livres pelo espaço
Mas que a maldade do homem branco
Engaiolou para sempre a sua alegria
Nos porões imundos
Dos navios negreiros...



NATIVIDADE

No ventre da Virgem mãe
Encarnou a divina graça
Entrou e saiu por ela
Como o sol pela vidraça.

Essa quadra popular sobre a divina concepção, de grande beleza espiritual, justifica o divino prodígio, porque, melhor do que o sol, Deus pôde entrar e sair deixando Maria virgem como dantes o era.

Maria, porta do céu pela qual Deus veio sobre a terra, contempla Jesus,gota dagua que contem o oceano.

Os primeiros adoradores do Menino Jesus foram os animais do estábulo. Até então os homens tinham adorado burros, bois e bezerros, por sua vez os ídolos dos homens adoraram o rei dos reis.

V. M.



Monteiro

Azas, Azas Para o Brazil

Por ARLINDO AMORIM PONTUAL

Em 1.º de Novembro de 1936, o major Neto dos Reis, terminava um artigo publicado em "Azas", com o título acima, dizendo:

"Terra de Icaros! Terra de Santa Cruz! Clamam a terra, os mares, os rios, os ventos, enquanto rastejamos pelo solo. E' tempo de erguer o olhar e contemplar no azul que se reflete em tua bandeira a trajectória retilínea das estradas invisíveis, nas três dimensões de quinze quilômetros de altura e a imensidão do globo.

E' tempo de compreender o sacrifício de teus mártires, cujo exemplo a nossa fé revive a cada instante. Que respondam as falanges do Brasil redimido".

De lá para cá a aviação tem progredido no Brasil, porém, muito mais deveria ter progredido, e muitíssimo mais terá que progredir.

Essa afirmação não nos deve deixar pessimistas e desanimados, mas, cientes da realidade devemos trabalhar fortemente para dar "Azas ao Brasil". As grandes vitórias só se obtêm quando grandes são os obstáculos a serem vencidos.

Brasil! terra de Gusmão, Santos Dumont, Severo, Ribeiro de Sousa! Desejariamos orgulhar-nos, pelo menos de sermos a primeira potência aeronáutica da América do Sul.

Não podemos entretanto ficar a lamentar a situação. Devemos reconhecê-la e procurar repará-la.

A aviação mais pesada do que o ar pode ser preliminarmente, dividida em militar e civil. A aviação militar é formada pelas forças aéreas do exército e da marinha. A aviação civil pode-se dividir em comercial e esportiva.

E' necessário, para se dar "Azas ao Brasil", aumentar, multiplicar constantemente as nossas esquadrilhas, não sómente em quantidade e material, mas principalmente em eficiência, qualidade e pessoal. O Brasil é um dos países que maior litoral e território possuem. E sendo assim, uma poderosa aviação será fator importantíssimo da sua defesa. A guerra que ai está, prova constantemente a importância decisiva da aviação quer no ataque, quer na defesa.

E' preciso dar "Azas ao Brasil" fundando companhias nacionais de transporte aéreo, fazendo a penetração para o interior, servindo todas as suas cidades. E para que o Brasil possa voar em azas próprias, azas que nasçam em seu corpo e não azas compradas e adaptadas, para isso é preciso que se formem os engenheiros aeronautas, operários especializados e ergam-se as fábricas. Não para produzir aviões a retalhos, mas em série.

Finalmente temos a aviação esportiva, cuja função no desenvolvimento aeronáutico de uma nação, é importantíssimo. A aviação esportiva, exercida através dos aero-clubs, tem três funções, desempenha três papéis: formar a mentalidade aeronáutica, preparar a reserva de pilotos para as nossas forças armadas e dar ao indivíduo o prazer de dominar, equilibrando e superando a força da gravidade.

Os aero-clubs através de suas propagandas, de suas revoadas, de suas festas, vão despertando no povo o gosto pe-

la aviação, e fazendo com que não seja vista como um mistério, mas sim como fantástica conquista do gênio humano. Neste terreno os aero-clubs estão para a formação de pilotos civis e militares, para os cursos superiores de aviação, como as escolas primárias estão para as faculdades de ciências. E' a escola primária que abre à creança as primeiras portas do saber, que começa fazer-lhe raciocinar e agora já aquilo que parecia um aglomerado irregular de rabiscos se torna racional. São os aero-clubs que através de publicações, vôos, festas, etc, mostram aos leigos as maravilhas da aviação, as suas possibilidades, despertando-lhes o interesses pelos "sonhos de Icaros", hoje "realidades do sec. XX".

Brevetando centenas de jovens, os aero-clubs estão formando homens que amanhã poderão prestar serviços valiosos às forças armadas aéreas. Todas as nações europeias, Estados Unidos e algumas da América do Sul, compreenderam perfeitamente isto.

Na França, Inglaterra, Estados Unidos e principalmente na Alemanha e Itália, pode-se dizer que não há cidade onde não exista um aero-club assistido pelo governo e grande número deles, pelos mesmos governos mantidos.

No Brasil, grandes passos já foram dados nesse sentido, mas muito mais teremos que marchar.

Como esporte, propriamente dito, a aviação dá ao homem o prazer de cortar em todos os sentidos os espaços infinitos, de abarcar a terra com um olhar, de rivalizar com as águias e os condores. Lá no alto nada o tolhe, pode caminhar em todos os sentidos, "ouvir as estrelas" e "conversar com a lua" nas expressões dos poetas.

A aviação esportiva é exercida pelos aero-clubs, e a história dos aero-clubs, não é feita de facilidades, de estradas aplaudidas, mas de grandes dificuldades vencidas e enormes barreiras transpostas. Contra esses centros de brasiliade trabalham a incompreensão de muitos, ou a má fé de outros.

Mas a própria aviação é um símbolo de audácia, de persistência, de coragem, de força de vontade, e por isso os aero-clubs têm caminhado, têm vencido, têm progredido, em quasi todo o Brasil exceto no Recife, que nem na retaguarda marcha, porque ainda não se moveu.

O governo federal doou aos aero-clubs 12 aviões *Buecker-Jugman* e 2 *Muniz*. O exército, recentemente, presenteou o Aero-Club do Brasil e filiados, com 14 aviões de treinamento *Waco F*. Receberam esses aviões os aero-clubes de Maranhão, do Ceará, de Uberlândia, de Santa Catarina, de Goiás, de S. Paulo, de Limeira, de Piracicaba, de Bauru, de Taubaté, etc. e o Recife, que se orgulha de ser a terceira cidade do Brasil, nem aero-club possúe, enquanto que cidades do interior de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, têm seus núcleos de aviação em pleno funcionamento, com os seus cursos de pilotagem repletos.

Entretanto, o Aero-Club de Pernambuco vai ser fundado, a aviação vai começar agora, aqui, uma arrancada notável. E' preciso que todos aqueles que se interessam pela aviação se-

(Continua na pag. 25)



BOLIVAR E O AMERICANISMO

Augusto Duque

A figura de Simão Bolívar não tem o lugar que lhe cabe, no Brasil. Entre nós, ainda não se tem na verdadeira conta o impressionante "caudilos de los caudilos" que, como um genio benfazejo, saiu pelo continente afóra semeando patrias como quem planta roçados. O vulto do Libertador não tem ainda para o nosso espirito o tamanho que em verdade tem. Ainda não foi fixada para nós a sua personalidade.

Bolívar fornece a nós latinamericanos a sugestão de nossa identidade. Do nosso ineditismo. Da nossa voz insôada.

Na aparente incoerencia de sua figura complexa e variada ele é um protesto de unidade. De unidade barbara e visceral.

Reflete em sua propria pessoa a aventura da vida continental. Seus problemas. Seus defeitos. Suas qualidades. E' o homem-indice. O homem-súmula. O logaritimo de nosso valor.

Porém, como ia dizendo, Bolívar não tem o logar a quem tem o direito no espirito dos brasileiros, como sul-americanos e filhos do continente novo. Não está inteira-

mente identificado para nós. Entretanto, é a nossa fórmula. Do continente bom e inconcluso.

Essa falta, essa carencia, provém certamente da precariedade do nosso americanismo. De todas as nações sul-americanas, no Brasil é onde existe menos americanismo. Do bom e verdadeiro. De primeira mão.

Americanismo "made in..." existe por aí às arrôbas. Como uma atitude fria e literaria. Diletante. Snob.

Porém, americanismo é antes de tudo sentimento incoercível. É encontro de tendencias. De origens. De anseios. De fins. De "harmonias longiquas de um maravilhoso concerto de coexistencia social, como quer Jesus Vaquero Davila. Está no fundo dos complexos que recebem insinuações da terra. No espirito dos sangues que plasmaram. No sangue da historia. É coisa muita. Profunda. Vertical.

Onde campeia esse americanismo, onde existe esse tumulto de anseios, essa febre, essa incontida fêsta de complexos, então, a figura de Bolívar aparece como realmente é. O mago do continente. Esse pagé do heroísmo. Esse suscitador de esforços impensados. Esse humaníssimo anunciador de alvoradas.

Cavaleiro errante, d. Quixote das façanhas continentais, Bolívar é hoje, também, o rumo, o simbolo gritante de toda uma orientação de vida política. Seus pensamentos, suas palavras agem como pagélanças.

As jovens gerações atormentadas de problemas políticos, diversos e acabrunhadões queremos, aqui, acordar a lembrança de Bolívar, o sintonizador das energias boas. Ele não foi, somente, o "montoneiro" legítimo que esbandalhou todos os padrões de heroismos libertários. Foi, também, o vidente. Alcançou, como um condor, às grandes distâncias. E falou para as madrugadas. Para os dias insurgidos. Disse verdades geniais. Analisou a situação continental com intuição admirável. Creu. Descreu. Creu. Sofreu todas as inconstâncias da alma americana.

Sua palavra de fogo, sua vida que foi um arrôjo foram balisas da futura vida continental. Teve todos os defeitos e todas as qualidades. Rodó bôa razão teve quando o chamou: "Grande en el pensamento, grande en la accion, grande en la glória, grande en el infotúnio; grande para magnificar la parte impura que caba en el alma de los grandes, y grande para sobrelevar en el abandono y en la muerte, la tragica expiacion de la grandeza".

O mais característico da vida de Bolívar é essa intensidade, essa multiplicidade de aspectos, essa trágica humanidade de sua trajectória.

Sofreu todas as experiências. Todas as glórias. Gossou todos os sofrimentos. Todas as amarguras. Viveu dramas. Excedeu-se. Estourou, quasi, os limites de homem.

A fé cega nos destinos continentais sucediam momentos de descrenças e afirmou desiludido que a América é in-governável.

Francisco Garcia Caldenos, fogoso publicista a quem Charles Leska chamou de "admirável caçador de idéias", vê em Bolívar a genuina personificação do herói calyleano.

Bolívar, muitas vezes, teve pensamentos que parecem dos nossos dias: "Somos um pequeno gênero humano; possuímos um mundo à parte, cercado de mares imensos". Adelante: "Não devemos esquecer que nosso povo não é nem europeu, nem americano do norte, porém, mais um composto de América e de África, que uma emanacão de Europa, pois

que, a Espanha, ela mesma, deixa de ser européia por seu sangue africano (árabe) por suas instituições e por seu caráter. O alcance dessas palavras revelam uma poderosa compreensão do meio americano, da realidade continental.

Vivemos muito tempo num falso americanismo. Cordial. Cheio de protocolo. Superficial. Simplesmente literário. De afirmações pomposas.

Felizmente, há uma tendência geral para um americanismo de fato. Originário de uma justa compreensão da realidade continental. Do fortalecimento de afinidades. Da identificação de laços. De destinos.

Veja-se "Afirmações Brasileiras" de Fernando Mota, publicado recentemente.

Em outros países existem movimentos interessantes. Uma intensa e ansiosa procura de raízes. De equilíbrios. De esclarecimentos.

O Brasil nesse sentido está muito aquém do que deveria estar. Não devemos nem podemos nos furtar a esse imperativo da unidade continental. Unidade do substancial com a multidão americanamente desordenada de variantes de segunda classe.

Tenho em mãos uma carta do notável publicista argentino Atilio García Mellid, em que aborda com entusiasmo a necessidade de exaltar a unidade do destino americano. Lá às margens do Prata uma turma quente vive num ambiente de intensas realizações nesse sentido.

Quando a civilização assiste lá em outros continentes as pugnas da destruição mutua, nada mais imperioso, nada mais oportuno de que orientarmos a nossa vida pelos moldes e enchermos o nosso espírito das causas gloriosamente continentais.

Assim, depois de ser um dever, o americanismo é, hoje, uma necessidade. Uma brutal e caudileira necessidade. Porém, entendamos, americanismo de fato, bom, integral, profundo.

Nesse sentido, nesse anseio, nesse rumo, Bolívar é o ponto imediato. Prestemos atenção a ele. Compreendamos a sua palavra de fogo. Atendamos ao seu chamamento via história das instituições profundas.

A sua vida foi um grito de anunciação. Teve o sentido missionário do continente. Era o próprio sentido. Do continente bom. Que tem essa coleção de pátrias. Que tem o Brasil.

Augusto Duque

E. F. DE PONTES & CIA.

Casa especialista em fornecimento de artigos para Uzinhas de Açúcar.

Ferragens - Materiais de construção - Artigos para Indústria e Lavoura.

Fone 9126

Caixa Postal, 185

Praça Artur Oscar, 207 e 211

RECIFE

PERNAMBUCO

O Escotismo em face da emigração

por OSWALDO GUIMARÃES

O escotismo, qualquer que seja o seu caráter ou a sua modalidade, da maneira como está sendo utilizado entre nós, não tem finalidade prática.

Como dedico a minha atividade à educação dos nossos pequenos patrícios abandonados, o que faço dentro do regimen ruralista e nos moldes escotistas, é lógico que o escotismo agrícola seja o ponto por mim almejado, consequentemente, é dêle que irei falar, mesmo porque, apesar das suas lacunas no terreno propriamente dito das realizações práticas, é ainda, sem dúvida nenhuma, o mais útil, o mais agradável e o mais econômico.

Quando afirmei que o escotismo da maneira como está sendo praticado entre nós, não poderá e não atingirá o seu verdadeiro objetivo, é porque sinto a responsabilidade que me pesa. Falo como profissional, como técnico, para que amanhã não se me atribua a menor parcela de culpabilidade no tocante a formação moral e técnico-profissional dos jovens de hoje, homens de amanhã.

Arrebanhar os garotos que perambulam pelas ruas, expostos a todos os vícios, sem tecto, dormindo nos lugares infestos, sujos de corpo e alma, livra-los do crime, tudo isto, constitue um grande contingente patriótico que se consubstâncie no amor e na defesa da Pátria comum.

Concentrar em campos agrícolas os menores desviados, os filhos dos operários sem recursos, dos inválidos por doenças físicas e morais, familiarizá-los com os diversos trabalhos, despertando-lhes iniciativas a todas as atividades, dando-lhes uma disciplina sadia e alicerçada pelos sábios princípios da fé cristã, é sem a menor dúvida, a maior obra de brasiliade, de civismo e de religião que se pode prestar a esses seres pequeninos que em número elevado e sem os preventivos indicados, poderão formar um grande foco de contaminação de toda uma geração, provocando aquilo que tem preocupado os homens de governo e que chamamos de CRISE SOCIAL. Esta, que tem as suas origens no menospresos que votamos às coisas sérias e as misérias alheias, só se extinguirá quando fizermos de fato obra de brasiliade, de civismo e de religião, sem a vaidade das aparências, das exterioridades e das obras de fachadas.

Entretanto, para que fique positivado por escrito o meu ponto de vista e não venha receber mais tarde lições dos críticos apressados, é que continuo afirmando que aquilo que temos feito em matéria de escotismo agrícola, nada representa em face do objetivo que almejamos atingir, ou seja o aproveitamento para formação do núcleo familiar daquele garoto que arrebanhamos na primeira idade da vida.

Atualmente, a educação que ministramos aos nossos abrigados, está longe daquilo que devia ser, porém, peor seria se peor fosse. Por mais deficiente que seja a nossa orientação técnica-profissional, a obra que realizamos representa aos olhos dos homens de senso, um concurso valiosíssimo, concretizado no amparo moral e material à juventude desvalida, pois seria um crime da nossa parte, se consentissemos a sua permanência nessa vida de isolamento e rebaixamento moral.

Pensamos que não há questão mais importante e momentosa para o Brasil, do que a do ensino agrícola. Dela, é que depende nosso futuro econômico, e dêste nosso futuro político, uma vez que não pode existir boa política sem riqueza. Carecemos sem a menor dúvida, de um corpo de pessoal idôneo, preparado, de um operário agrícola nacional, afirmou alguém.

"Manter uma agricultura acanhada e rotineira e uma indústria rudimentar e pérra, mercê da insuficiência profissional do lavrador e do artífice, é ir ao encontro da derrota no conflito dos esforços e das capacidades.

O Brasil, cujos recursos são proverbiais como proverbiais também são seus gabos, precisa atender áqueles e bem merecer estes, adquirindo uma competência que só lhe pode provir da constituição de um pessoal apto para as fainas agrícolas e industriais, não só pelo braço, como pela inteligência".

O que fazemos nós? Colhemos nas ruas um menor que havia sido abandonado no começo da existência, o integrarmos em nosso campo agrícola com ele vivemos em contacto dos 8 aos 18 anos de idade, num regimen de internato, dando-lhe modesta assistência para depois, por força das circunstâncias entregá-lo novamente a um destino incerto, para o ganha pão de cada dia.

Pergunto aqui, áqueles que me dedicarem alguns minutos de atenção na leitura dêste amontoado de palavras rabiscadas sem pretenções que não sejam a de bem servir a minha Pátria e à minha gente, houve finalidade prática na obra que sustentamos com os maiores sacrifícios? Não

Digamos de passagem. Qual seria a situação da planta que nos primeiros dias do seu desenvolvimento, tivesse da parte do seu dono todo carinho e cuidados possíveis, livre dos agentes que podiam impedir o seu crescimento e a sua beleza, elevando-se às alturas numa demonstração eloquente de vida, digo, qual seria a sua situação, quando privada desses cuidados, abandonada no matagal variado, onde campeiam os parasitas e as hervas daninhas?

É desnecessário dizer e falar do fim daquela planta, é impossível prever o seu destino, assim como é difícil prever o destino e a vida daquele que se tornou homem em nosso meio e durante muito tempo privou do nosso convívio e do nosso contacto, e hoje fora dêsse conforte terá de lutar pela garantia individual, cercado daqueles mesmos agentes, dos mesmos parasitas e das mesmas hervas daninhas.

O tempo, os recursos e as instalações são deficientes para que se possa formar de cada escoteiro um homem apto às pelejas de uma outra vida que se lhe apresente depois da nossa.

"O Brasil possui riquezas naturais cuja extração e utilização racional bastam para dar o bem estar aos habitantes e assegurar a sua prosperidade. Porém, a sua fonte mais certa de riqueza reside na exploração agrícola do solo e na transformação industrial dos produtos que dêle se pode retirar pelo trabalho".

Nem mesmo a exploração agrícola do nosso solo, eu posso garantir que façam aqueles que estão sob nossos cuidados. Quando eles daqui partem, procuram logo as grandes cidades, onde a princípio a luta pela vida lhes parece mais fácil e mesmo porque, apesar de donos de um território com uma extensão invejável, é onde justamente faltam terras aos que querem trabalhar.

Nós, pelos motivos que acima fôrem ditos, não formamos esse tipo de operário agrícola nacional de que tanto necessita o Brasil. Esse defeito não é somente nosso. A orientação que seguimos não é privilégio da nossa obra, ela não é particular, tem caráter geral. Vários fatores são responsáveis por esta situação em que nos colocamos. Entretanto, urge que saibamos, com os recursos de que dispomos, tomar outra diretriz enquanto é tempo, afim de que não tenhamos de experimentar dolorosas decepções nos dias que correm.

Acho que tem razão quem ariu que, a única causa que a escola pode fazer é educar. Nós não podemos garantir outra causa no momento visto que a dificuldade como disse alguém está em organizar a escola de tal maneira que ministre ao aluno uma educação adequada a carreira a que ele

(Continua na pagina 24)

LIVROS PARA O POVO

ANTONIO TOSCANO

E um fato por demais observado o desconhecimento da esse desprezo pelas verdades da nossa Religião seja uma consequência da facilidade com que, outrora, a Igreja dominava no lar e na sociedade, como bem reconhece frei Afonso Maria Ord. Carm. em o seu livro — Demonstração Popular Religião, em que vive grande parte dos Católicos. Talvez da Verdadeira Religião. Tempo esse em que os soldados de Cristo viviam em paz e não precisavam pegar em armas para defender a sua Religião.

Hoje, porém, quando o mundo marcha atônito por entre a mais perigosa desenvoltura de costumes; quando as heresias investem, procurando subverter a ordem das coisas; quando se promovem as mais infames perseguições aos fieis; quando cresce o número de martires pela Santa Fé, hoje, não podemos de nenhum modo olhar com igual displicênciia os sagrados deveres de bons, de verdadeiros Católicos.

A época é de ataques em todos os setores da vida, e, consequentemente, de defesa. Havemos de defender não os "lugares sagrados", como relembram as Cruzadas, mas as verdades sagradas. A arma a ser empregada é a da inteligência, o mais sublime dos instrumentos de que o homem pode utilizar-se, porém o mais difícil de ser contra atacado.

Mister se fazia um grande esforço no sentido de obviar o mal resultante da incompreensão com que vinha sendo encarada a instrução religiosa. Muitos, é verdade, ignoram-na por culpa própria. Sempre houve obras didáticas, literárias e filosóficas que encerram os melhores esclarecimentos a respeito. Outros, porém, aqueles que apenas chegaram a frequentar o primeiro Curso, sentiam a falta de leituras católicas que lhes fossem accessíveis. Enquanto as inteligências mais ilustradas se deixam absorver em estudos ou leituras profanas, os segundos não tinham ensejo de adquirir noções mais esclarecidas das práticas da Religião.

O problema da Instrução religiosa, como se vê, reveste-se de um duplo aspecto. De um lado, há a necessidade incentivar-se a Apologética entre os nossos doutos católicos. De outro, facilitar os mesmos estudos ao povo por meio de uma publicação em linguagem menos erudita.

Felizmente já se registram duas grandes realizações que preencherão maravilhosamente ambas as lacunas. Os Cursos Intensivos de formação da Juventude representam uma esperança para a Igreja Católica. Restava o segundo empreendimento que, em bôa hora, a Cruzada da Boa Imprensa se propôs levar a cabo. Trata-se de publicar uma série de livros nos quais serão estudadas a vida dos Santos, descritas as suas grandes virtudes, esplanadas a história e as razões do seu culto através do tempo, bem como oferecida à nossa contemplação os seus altos exemplos de santidade. Nestes livros também se darão esclarecimentos doutrinais sobre o culto dos Santos e se corrigirão defeitos na prática das devoções parti-

generalizado em muitos lugares de consagrarem-se como padres aos grandes santos da Igreja. Sabemos do costume tronos de algumas causas muitos santos elevados à honra dos nossos altares. E' assim que Santa Lusia é tida como padroeira contra as doenças de olhos e a anunciatriz dos bons e maus invernos; Santa Apolônia, que favorece nas extrações dos dentes; São Bento que defende os viajantes da mordedura das cobras. Muita gente anda com um "nó" no rosário para evitar o ataque das serpentes. Outros recitam estrofes como esta:

"São Bento, agua benta,
Jesus Cristo no altar;
O bicho que estiver no caminho
Arrede que meu filho quer passar".

Há em tudo isso, ora uma fé ingênua e legítima, ora crenças a que o vulgo se apega e que confunde com o mais puro e sadio espírito religioso, mas em que revela, quasi sempre, grande ignorância da verdadeira doutrina católica.

A publicação da Cruzada, nessa campanha, será iniciada com três obras sobre a vida de três Santos: Santa Lusia, Santa Cecilia e São Sebastião: três Mártires cristãos cuja devoção é muito popular. O Cônego Alfredo Xavier Pedroza, que está encarregado de escrever estes primeiros livros, apresentará o mais completo e interessante estudo. Conhecedor atilado da psicologia dos leitores a que êles se destinam, prestará S. Revdma. mais um inestimável serviço à causa da Igreja Católica, sobretudo no meio da classe proletária.

Estamos informados de que o primeiro destes livros sobre a vida, o culto e a devoção de santa Lusia, será entregue à publicação e exposto à venda nos primeiros dias de Dezembro. Assim os devotos de Santa Lusia, sobretudo, aqui no Recife, os paroquianos da Freguezia da Torre, poderão ter boa ocasião de ser instruídos e mais esclarecidos a respeito da vida e das virtudes, bem como do culto da famosa Virgem e Martir cujo berço foi a cidade de Siracusa.

ARMAZEM DO CABOCLO

Casa fundada em 1851

IMPORTADORES, EXPORTADORES E RETALHISTAS
DE FERRAGENS

Cutelarias, artigos para agricultura, indústria e uso do mestico. Armas de caça, tintas, óleos, pinças vernizes etc. O maior depósito de ferro, cobre, latão, chumbo e outros metais

ALVARES DE CARVALHO & CIA. LTD.
RUA DUQUE DE CAXIAS, 340, 350
Caixa Postal 165 Fone 6225
RECIFE — PERNAMBUCO

NOSSA CAPA

PODEMOS afirmar sem receio de acasianismo que, a História da Arte e a História da Religião se confundem de tal forma que julgamos impossível separá-las.

A gravura que estampamos em nossa primeira página, é uma obra de Arte da Renascença, e como tal uma obra de religiosa inspiração, de autoria de Cosimo Rosselli.

Cosimo foi pupilo de Neri de Bicci, com o qual fez seu aprendizado de 1452 a 1456, recebendo em seguida as influências plásticas de Benozzo Gozzoli e Baldovinetti.

Trabalhou durante alguns anos na cidade de Lucca, mais tarde sendo chamado à Roma, executou vários afrescos na Capela Sixtina do Vaticano.

A-pesar-de não ser um grande imaginativo, Cosimo Rosselli compensava esta lacuna por uma técnica e um talento real. Seu pincel traçava linhas seguras e flexíveis, auxiliado por um colorido harmonioso. Seus personagens graciosos e nostálgicos, trazem a marca da Renascença poética e sonhadora.

Cosimo Rosselli foi o mestre de Piero de Cosimo e de Andrea del Sarto.

E & V

NO PRÓXIMO NÚMERO:

O Brasileiro, por CLOVIS CHAVES.
Direito Novo, por JORGE ABRANTES.
Sinal Branco nos limites do céu..., por CLEODON FONSECA.

PUBLICAÇÕES ENVIADAS À "RENOVAÇÃO"

O Patriarca da Independência — Dezembro de 1821
 a Novembro de 1823. — José Bonifácio de Andrade e

"YPIRANGA"

Tintas - Esmaltes - Vernizes - Composições

DISTRIBUIDORES

Albino Silva & Cia. Ltda.

Avenida Marquês de Olinda, 191

RECIFE

Fone 9272

Caixa Postal 167

A PRIMAVERA

RUA NOVA, 378

RECIFE

Fones: LOJA 6461 e AFC 6480

NOVIDADES, MODAS, TECIDOS, MIUDEZAS, TAPEÇARIAS, ÁRTIGOS PARA HOMEM, ALFAIATARIA, ETC., ETC.

TUDO... Pelos menores preços... á vista ou pelo crédito A. F. C. (em modicas prestações mensais)

TIGRE & CIA.

Fábrica e escritório: Av. CRUZ CABUGÁ, 211

CAIXA DO CORREIO 261 — End. Teleg. "TIGRE"

Fábrica de Móveis Asépticos. Fábrica de Sabão TIGRE.
 Fábrica de Cofres e Fogões. Placas Esmaltadas

Arquivos de Aço, Prensas de Copiar, Carros de mão, Portas de aço ondulado, Serralheria, Móveis de Ferro, Cobertas e Estruturas Metalicas, Pinturas e Concertos de Cofres. Fundição de Ferro, Bronze e outros metais, Oficina Mecânica, Galvanização em Níquel, Crômo, Cobalto, Tungsteno e Cadmio

ARTIGOS DE COURO

Carteiras, Pastas, Bolças, Malas de Couro e Fibra, Maletas e Cintos, assim como os demais modelos para todos os preços

Visitem a nossa casa e peçam os preços

CASA CÓRDOVA

Rua do Livramento, 109 — RECIFE

FELIX CÓRDOVA & CIA.

Silva. — Série 5.ª Brasiliana, Vol. 166. Companhia Editora Nacional. São Paulo.

Uma noiva em leilão. — Concordia Merrel. — Tradução revista por Godofredo Rangel. Companhia Editora Nacional. São Paulo.

Cana Caiana. — Ascenço Ferreira. — Livraria José Olimpio — Editora.

Adolescência. — Luiz Gonzaga Santos. — Geração Editora — Recife.

O Ensino Profissional na Alemanha. — Relatório apresentado ao Ministro Gustavo Capanema, pelo Inspector Regional Rodolfo Fuchs. — Serviço Gráfico do Ministério da Educação. — Rio de Janeiro.

Constrúa a sua casa própria em pagamentos nenhais modicos, na

PREDIAL DO NORDESTE

S/A

UZINA ARIPIBU' S/A

**Produção: 80.000
sacos de açucar**

**MUNICIPIO DE
RIBEIRÃO
PERNAMBUCO
BRASIL**

SINDICALISMO E MARXISMO

(Continuação da pagina 6)

a que se juntára, se deixou por ela subrepujar e, como base do Sindicato que é fim, deu-lhe vida e movimento.

O Sindicalismo, isto é, o movimento que leva o homem ao Sindicato, à associação, apareceu sob vários aspectos.

Como doutrina, em qualquer caráter, sempre pleiteou a melhoria das condições do trabalhador, da distribuição da riqueza, das relações de equilíbrio entre fatores da riqueza e do organismo social.

O Sindicato situado como fato revolucionário, é unilateral e profundamente imediatista, materialista e finalmente estático.

Os sistemas sindicalistas, tomando por exemplo a visão de Sergio Panunzio, podem ser encarados sob os seguintes aspectos :

Revolucionário
Católico
Jurídico social ou Integral
Nacional Inglês
Fascista.

©

O Sindicalismo revolucionário, provocador de greves, partidário da violência e imbuido de toda técnica soreliana, fugiu a dinâmica social criando o Sindicato como foco de agitação extremista, onde se concentravam as vontades proletárias do classismo agonisante, visando realizar o desejo dos sonhadores marxistas, ou seja, destruir o mundo burguês capitalista.

Essa fase sindicalista, oriunda quasi sempre da ausência de preparação de mentalidades, é o resultado do empirismo das soluções apressadas aos problemas sociais, ou então, o reflexo da avalanche de odios recalados pelas massas oprimidas.

Em todas as nações se há evidenciado cenário idêntico, como se tem observado a tendência francamente comunista desse Sindicalismo incipiente.

"A Alemanha, vanguarda das leis trabalhistas" — expressão do sr. Daniel Carvalho — traduziu no materializar da constituição de Weimar (1919), o fenômeno denunciado, que foi também constatável no Brasil, através da execução da constituição social democrática.

Talvez que o qualificativo de revolucionário não assente bem à formula anárquica do Sindicalismo. Pois, revolução supõe movimento, evolução constante, aperfeiçoamento perene.

Por isto, melhor seria nomeá-la de Sindicalismo reacionário, visto haver sido oriunda d'uma reação do trabalho desorganizado ao capitalismo.

As outras faces com que se ha apresentado o Sindicalismo como sejam :

Católico
Jurídico Social,
Inglês

buscando intensamente o ponto de equilíbrio entre os fatores da riqueza, se encontram numa fórmula mais perfeita que é o Sindicalismo de Estado, também chamado Corporativista e, ainda, Fascista. Esta última, reunindo o espírito solidário e da cooperação entre os seus membros, é uma ramificação do próprio Estado e tem como complemento de sua estrutura doutrinária, o sistema também católico de Deguit.

O esquema precisado por Panunzio porém, poderia ser completado com o acrescentar d'uma síntese onde se enquadrassem todos os sistemas conhecidos, projetando uma fórmula mais perfeita, porque apesar de ser o Sindicalismo fascista bem atual, carece de fundamentos espirituais ainda.

Assim, acrescente-se o Sindicalismo Corporativista Cristão ou Integral.

Fundamentado em alicerces espirituais, morais e econômicos, ele é o sistema imposto ao momento. Formando a consciência espiritual das grandes massas obreiras, modelando a formação moral dos trabalhadores dentro de um espírito nacionalista, ambientando o homem à sociedade, trabalhando a sua consciência profissional, é o fiel da balança social, a ponte de ligação entre o Estado e a Nação e pre-

cisa o equilíbrio entre todos os trabalhadores, quando se deline o entrechoque de interesses. Sob o ponto de vista econômico realiza o fim ideal do Corporativismo Cristão, através do cooperativismo de crédito, consumo e produção, melhorando o padrão de vida do trabalhador, prestando-lhe assistência familiar e proporcionando-lhe um salário justo, equitativo à sua necessidade, capacidade de trabalho e produção.

Sob o ponto de vista de dinâmica social, é evidente a marcha dos sistemas sindicalistas ao ideal d'aquela organização que assegura a felicidade relativa do homem, através da hierarquia natural de valores, sobre os quais se estruturam os Estados: Espiritual sobre o moral, moral sobre o social, o social sobre o nacional e o nacional sobre o particular.

Fugindo de comentários sobre organização do Estado, veja-se a grande colaboração do Sindicalismo, como meio de destruição do marxismo como movimento de massa e agitação revolucionária e anárquica.

O sistema de Marx, vendo simplesmente nas suas elucubrações a coletividade, — a classe proletária —, afogou nessa expressão quantitativa os grupos profissionais, realisando não a síntese, mas a verdadeira absorção das expressões menos numerosas do todo, ao envés de estabelecer o equilíbrio positivado na unidade pela sua diferenciação.

Como movimento quantitativo, na avalanche dos instintos desenfreados julgaria aniquilar os opressores supostos ou reais.

Da projeção desse aspecto e confrontando os sistemas, é que se fixa à consciência dos observadores, a grande cooperação do Sindicalismo, à destruição da tática marxista.

Grupalista por exceléncia, fracionou a unidade do coletivismo marxista, que não mais encontrou eco nos espíritos.

Agitando, estagnou o Sindicato; evoluindo, completando-se e ora se deixando suplantar permitindo-se lhe fosse inoculada energias novas, o Sindicalismo realizou e está realizando uma grande obra de harmonia social, cooperando para a paz dos espíritos.

E "como o espírito humano não pára nos seus impulsos de criação infinita", o Sindicalismo continuará na sua marcha constante, até a sua fórmula perfeita no Corporativismo Cristão, que lhe assegurará o repouso em movimento, ou seja, o equilíbrio, através da integração das forças vivas da nação no organismo do Estado.

(1) — O vocabulo "revoluções", está empregado como "transformações" — "dinâmica do pensamento" a marcha do espírito transformando mentalidades.

AZAS, AZAS PARA O BRASIL

(Continuação da página 16)

congreguem, é preciso que os esforços sejam coordenados, porque a aviação precisa marchar em Pernambuco, precisa vencer.

O governo federal por decreto de Agosto p. p., autorizou e abriu o respectivo crédito para a aquisição de 20 aviões de um dos tipos "Aeronca", "Piper Club" ou "Taylorcraft", e 2 M-7, para "distribuição desses aviões pelos aero-clubs que ainda não receberam esse auxílio do overno" isto "independentemente da contribuição de 20 por cento do preço".

Assim pois faz-se mister a organização do aero-club local, quanto antes, para fazermos jus a um desses aviões.

Pernambuco não se conformará a esta imobilidade, que atrofia, que mata. Por isto ele vai alçar vôo. Um pouco de força de vontade, de audácia e a aviação triunfará.

Dentro em breve, o brasileiro que expoz ao vento uns palmos de pano e dominou os mares, lançará no espaço uns palmos de azas e dominará o azul.

"AZAS, AZAS PARA O BRASIL"

"CLAMAM A TERRA, OS RIOS, OS VENTOS".

MANTEIGA

PEIXE

É a rainha das manteigas.

Usá-la é preferí-la por toda vida.

DEPOSITO:

Rua das Calçadas, 70

Fone 6718

RECIFE

Elyseu Rio & Cia.

Representações

Tr. da Assembléa, 54 - 1.º

Caixa Postal, 211

Telefone 9076

RECIFE

PERNAMBUCO

GAZOSAS

SABÁ

Preparadas com as Águas Minerais de SABA'

LIMÃO - LARANJA - ABACAXI - MAÇÃ

EMPRESA AGUA DE SABA' LIMITADA

263, Rua do Imperador - Fone 6495

RECIFE

PERNAMBUCO

PREFIRAM O CALÇADO “COMBATE” FORTE E BARATO

Encontra-se à venda nas Casas :

Casa Brasil,
Rua Duque de Caxias, 304

Casa Vencedôra,
Rua do Livramento, 7

Casa Primôr,
Rua do Livramento, 21

Severino de Vasconcelos & Cia.
RUA DA PRAIA, 83

RECIFE

Instituto do Café em Pernambuco

Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Ltda.
RECIFE — PERNAMBUCO

Financia os cafeicultores do Estado seus associados a juros baixos e longo prazo
Promove para seus associados a aquisição de maquinismos para seus serviços agrícolas e melhoria de produção

AV. MARQUÊS DE OLINDA N.º 35
1.º ANDAR
RECIFE — PERNAMBUCO

Café Liberdade

O MAIS PREFERIDO ENTRE OS CONGÉNERES

Sempre com o fito de bem servir aos seus consumidores, distribui além das qualidades excepcionais, lindos e preciosos brindes

Preferir o CAFÉ LIBERDADE é uma demonstração de bom gosto.

Sociedade de Moagens do Recife Limitada

Filial de OLINDA

O ESCOTISMO EM FACE DA EMIGRAÇÃO

(Continuação da pagina 18)

se destina, uma educação realmente útil, eficaz e ao mesmo tempo teórica e prática, que habilite enfim o homem de amanhã a conquista da sua estabilidade individual por meio de uma verdadeira experiência profissional, nesse sentido prático e real da vida.

Assim, é que continuo afirmando e robustecendo as minhas considerações concernentes a formação de um tipo de operário agrícola nacional. O tipo de que necessitamos não se conseguirá a toque de caixa, sem um estudo acurado do assunto e das necessidades e finalidades que se tem em vista.

Não é mais do ensino superior que carecemos. Do ensino técnico profissional, prático e especializado, tudo dentro de um critério nacional em que o material humano sinta o despertar de todas as suas faculdades no sentido integral, é o que se faz mistér, principalmente, porque tudo indica que não se pode mais permanecer num estado de apatia quando estão em choques os interesses nacionais.

Para o nosso caso, quando afirmamos que o escotismo da maneira como está sendo praticado entre nós, qualquer que seja o seu caráter, perde a sua finalidade humana e social, desde que a terra não entre como fator decisivo para que se forme e se crie na alma nacional um tipo de operário agrícola, caracterizado por esse fogo ardente de atração às nossas catinas, aos nossos sertões e às nossas belas paisagens. Isto também não se conseguirá por meio das nossas escolas de alfabetização, dos nossos grupos escolares, onde a educação é rudimentar e apressada.

Quando disse que a terra entra como fator decisivo na formação moral e profissional dos jovens de hoje, homens de amanhã, quero também com isto dizer, que os poderes públicos precisam tomar a sério a questão de educação, pondo à disposição dos educadores agrícolas, terras onde eles possam realizar a formação do operário agrícola nacional, dentro do sistema abaixo esquematizado, o qual se me figura o mais lógico, o mais racional e o mais prático.

Campo de Formação, os menores de 7 aos 12 anos, isto de acordo com o desenvolvimento e as condições dos menores.
Sistema para criação do operário agrícola nacional.
Campos Agrícolas
Campo de Preparação — os maiores de 12 aos 18 anos — saídos do 1.º Campo, observando-se as mesmas condições.
Campo de Produção — os maiores de 18 anos.

No próximo número de RENOVAÇÃO, quando tratei do problema de emigração e colonização, aproveitarei a oportunidade para explicar mais detalhadamente a função, organização e finalidade de cada campo.

Banco do Povo

Diretores :
Alfredo Alvares de Carvalho Dr. Severino Marques de Queiroz Pinheiro, Afonso de Albuquerque, Antônio Gaspar Lages e Antônio Martins do Eirado

Gerente : Miguel Gastão de Oliveira

Capital	1.000.000\$000
Fundo de Reserva	2.500.000\$000..
Fundo para Integralização do Capital	350.000\$000
Lucros Suspensos	144.818\$350

Matriz : Carta Patente N. 1.529 de 21 de Junho de 1937
Intalado em 27 de Abril de 1920

Séde : Rua do Imperador, 494 (Ed. próprio) — Recife
Filial : João Pessoa — Escritórios em : Alagôa de Baixo
Pesqueira e Bezerros (Estado de Pernambuco)

Brim Branco ?

só

Bolivar

Fabricado especialmente pelo
Cotonificio Othon Bezerra de Melo S/A

Visite o **CLUBE BANCO DE OURO**
na rua Diario de Pernambuco, 116 e
veja as vantagens que ele lhe oferece.

CORTUME "SÃO JOÃO"

Compra de Péles e Couros

Souza & Irmãos

Casa Matriz - Av. São João, 226 - Caruarú

Filial - Rua Padre Muniz, 206 - Teleg.: "SOUZA"

Caixa Postal 232 -- Telefone: 6714

RECIFE - PERNAMBUCO

CORTIDORES E

Exportadores de péles, couros, lã de
carneiro, cabôlo de boi e de cabra,
cêra de abélha, etc.

Farinhas de trigo de maior rendimento:

Olinda Especial

Olinda

Pilar

Recife

do MOÍNHO RECIFE

GRANDES MOINHOS DO BRASIL S. A.



PALACE HOTEL
Avenida Domingos Magalhães

End. Tel.: PALAÇOTEL

FONES: 2041 — 2638

Água corrente em todos os apartamentos. O mais higiênico do Recife

ELEVADOR ELETRICO

Praça Maciel Pinheiro, 330
Hospício n.º 7
RECIFE — Pernambuco

VISITEM A GRANDE
EXPOSIÇÃO NACIONAL
DE PERNAMBUCO

COMERCIO - INDUSTRIA - ARTES

DIVERSÕES

PREÇO DE INGRESSO DA EXPOSIÇÃO:

Adultos 1\$200 - Crianças até 8 anos \$600

A MOBILIADORA

— DE —

Mauricio Kaufman

ELEGANCIA

ECONOMIA

E CONFORTO

Completo sortimento de móveis de estilos modernos, dos melhores fabricantes do Paraná e do Estado.

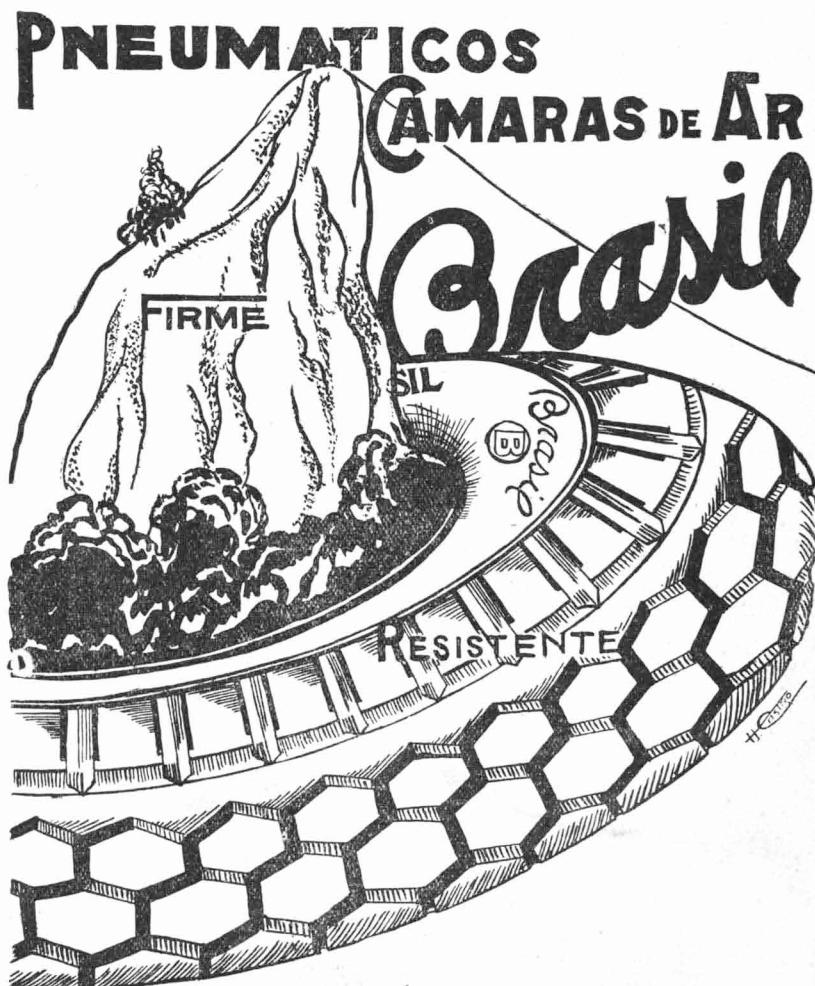
Variado sortimento de móveis estofados. CAMAS PATENTE
(Tapeçaria e Colchoaria)

FACILITA-SE O PAGAMENTO

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

RUA DA IMPERATRIZ, 57

RECIFE — PERNAMBUCO



A ARTE PELA ARTE E O PARNASIANISMO

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA 13).

mente do simbolo, por sistema" (12). Como sempre, e o exagero que, culminando no ridículo, faz desaparecer as escolas e os seus rebentos. Foi esse o mal dos românticos e o dos parnasianistas. E iria ser, tambem, o dos simbolistas.

Obscado com imprimir ao verso uma flexibilidade ondulante, dar a palavra novos significados e nuances e procurar as relações entre os sons e as cores, os simbolistas, éles próprios, preparam a sua ruina. E foi Mallarmé quem mais contribuiu para isso.

Essa questão de escolas, entretanto, não vai como os verdadeiros artistas e poetas. "Les tempéraments individuels ne peuvent s'exprimer que par des formules individuelles". (13) Ao contrario do que pensava Renan, quando a arte começa a viver por si — a arte pela arte — deixa de constituir uma função e uma expressão do meio. E também deixa de ser arte. A poesia deve ser, sempre, "le don d'exprimer avec une clarte personelle ce qu'il y a de mystère dans l'univers, dans l'homme, et dans l'histoire, como opinava Brunetière". (14)

Ambas as escolas, como se vê, ostentam suas qualidades e defeitos, decorrentes estes, certamente, do requinte de princípios. Mas, como expressão de arte, o simbolismo sobreleva ao parnasianismo. A música do primeiro parece conter mais arte que a impassibilidade do segundo. E' que os simbolistas concordavam, de fato, em que "o coração é melhor pintor que os olhos".

O idealismo absoluto é, francamente, inaceitável. Mas, diante do objetivismo exclusivo de Nietzsche, o bom senso manua, por ser mais coerente com alogica, optar pelo subjetivismo de Shelley. "Nous croyons, escreve Contreras, nous croyons que l'unique définition du vers serait: une phrase qui a des ailes; des ailes externes, rythmiques, ou internes, musicales; n'importe: des ailes". (15)

Pena é que os parnasianistas se tivessem preocupado demais com a arte. Sem isso, teriam, de-certo, produzido obra mais artística e também mais duradoura.

Creso Teixeira

1) — Ramalho Ortigão, "O culto da arte em Portugal", p. 162.

2) — Licinio Cardoso, "Filosofia da Arte", p. 112.

3) — Abel Rey, "Psicologia", p. 146.

4) — Delgado de Carvalho, "Sociologia", p. 241.

5) — Taine, "Philosophie de l'art", p. 111.

6) — Taine, "Essais de critique et d'histoire", p. 121.

7) — E. Martha, prefaciando David-Sauvageat, "Réalisme et naturalisme", p. IV.

8) — 15) — Francisco Contreras, "Les écrivains contemporains", ps. 49, 82.

9) — Gustave Kahn, "Symbolistes et décadents", p. 358.

10) — 13 — Gustave Lanson, "L'art de la prose" p. 290.

11) — Agrippino Grieco, "A evolução da poesia brasileira", p. 117.

12) — John Macy, "História da literatura mundial", p. 327.

14) — Brunetière, "Etudes critiques sur l'histoire de la littérature française", VII, p. 259.

FONSECA IRMÃOS & CIA,

CASA FUNDADA EM 1875

Fábrica de sabão — Armazém de recolher — Máquinas Agrícolas — Tratores — Kerozene — Gasolina — Oleos lubrificantes — Automóveis "FORD"
OFICINAS DE CONCERTO

Agencia FORD — **Rua Barão da Vitória, 261**

MANOEL PEDRO DA CUNHA & Cia.

*Exportadores de Café, Algodão,
Mamona etc.*

Rua de São João, 531 (Sobrado)

RECIFE **PERNAMBUCO**

A Camisaria GLOBO

Se não é deve ser a sua Camisaria

R. DUQUE DE CAXIAS, 205

Fone 6749

G. Lucchesi & Cia.

BICICLETAS

Correias em "V" para transmissões, Compressores de ar e ferramentas pneumáticas. Motores Diesel estacionários e marítimos. Rolamentos e material para transmissões.

RUA DO IMPERADOR, 351 — RECIFE — FONE 6360

END. TEG. "GELUC"

Comprado Tadeu Rocha 30/8/79

GOIABADA

